Ministério

MAI-JUN · 2023

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R$ 19,40
ISSN 2236-7071
00567
9 772236 707107

LIDERANÇA NA CRISE

Desafios administrativos na tarefa pastoral contemporânea

Como abordar o Apocalipse em tempos de ansiedade + O significado de ligar e desligar em Mateus 16 e 18
O preparo intelectual do pastor + O cuidado com os oprimidos + Proposta bíblica para o Ministério Jovem

DE 12 A 18 DE JUNHO

OS MELHORES PRODUTOS,
PELO MENOR PREÇO!

6x em até sem juros no cartão de crédito

FRETE GRÁTIS
PARA TODO O BRASIL!

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

CPB

Promoção válida de 12 a 18 de junho de 2023 para itens produzidos pela CPB, exceto assinaturas das revistas *Nosso Amiguinho*, *Nosso Amiguinho Júnior* e *Vida e Saúde*, livros didáticos, uniforme escolar, materiais de desbravadores, produtos Novo Tempo e Superbom. Produtos sujeitos a alteração, enquanto durarem os estoques. Imagens meramente ilustrativas. MKT CPB | Adobe Stock

MKT CPB | Adobe Stock

Ministério

10

18

5 Editorial
7 Entrelinhas
8 Entrevista
28 Ponto a ponto
34 Dicas de leitura
35 Palavra final

30

10 Liderança em tempos difíceis
Joel Álvarez
O papel do líder na administração da igreja

14 Medo ou esperança?
Laszlo Gallusz
Como abordar o Apocalipse em tempos de ansiedade

18 Atenção especial
Silvia C. Scholtus
O cuidado com os desprezados e oprimidos

22 Educação contínua
Érico Tadeu Xavier
O preparo intelectual do pastor

25 Na Terra e no Céu
Natal Gardino
O significado de ligar e desligar em Mateus 16 e 18

30 Pastor das novas gerações
Vinícius Cardoso
Uma proposta bíblica para o Ministério Jovem

Ministério
Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 567 – Mai-Jun 2023
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Milton Andrade
Revisora Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Montagem sobre imagem de Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Claudiney Candido; Edilson Valiante; Edison Choque; Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco Abdoval; Guillermo Delgado; José Wilson; Levino Santos; Milton Mayo; Otávio Barreto; Raildes Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Wellington Barbosa
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R$ 94,50
Exemplar Avulso: R$ 19,40

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

5935 / 46751

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.
A *Ministério* é uma revista *peer-review.* Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Contribua para a Ministério

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Extensão

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 12mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: *ministerio@cpb.com.br.* Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

O NAUFRÁGIO DAS OVELHAS

Recentemente, ocorreu uma grande tragédia envolvendo o transporte de animais vivos. O navio *Al Badri*, que carregava cerca de 16 mil ovelhas, naufragou perto do porto de Suakin, na costa do Sudão. Quase todas as ovelhas a bordo morreram. Imagens dramáticas do naufrágio mostram moradores locais tentando resgatar as ovelhas em barcos pequenos. O prejuízo foi de 4 milhões de dólares, além do impacto ambiental causado pelo vazamento de óleo do navio e também pela decomposição das carcaças dos animais.

A causa dessa tragédia pode ser resumida em duas palavras: má administração. Autoridades informaram que a carga das ovelhas excedia a capacidade limite de cerca de 10 mil animais. Além disso, o navio construído em 1973 ficou mais de 10 anos sem passar por uma inspeção oficial. No entanto, o pior aconteceu justamente no dia da tragédia: houve demora no processo de resgate. Muitos animais poderiam ter sido salvos se a ação tivesse sido mais rápida.

Assim como nesse episódio fatídico, os pastores do rebanho do Senhor também correm o risco de ver o "naufrágio" das ovelhas que estão sob sua responsabilidade. Algumas delas estão se afogando nas águas turvas da indiferença, das falsas doutrinas e da apostasia, à espera do cuidado do pastor. Para estes, a exortação divina é dura e enfática: "Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do Meu pasto!" (Jr 23:1). "Vocês não fortaleceram as fracas, não curaram as doentes, não enfaixaram as quebradas, não trouxeram de volta as desgarradas e não buscaram as perdidas [...]. Assim, elas se espalharam, por não haver pastor" (Ez 34:4, 5).

Para que isso não ocorra, precisamos administrar corretamente o aprisco do Senhor. A melhor estratégia de liderança é imitar o exemplo de Jesus, o Bom Pastor, Aquele que conduz o rebanho a "águas tranquilas" (Sl 23:2). Sua gestão é simples e completa: Ele conhece (Jo 10:14), guia (v. 4), alimenta (Sl 23:2), protege (Ez 34:25), cuida (v. 15) e ama Suas ovelhas, a ponto de morrer por elas (Jo 10:11).

MILTON ANDRADE
editor associado da revista *Ministério*

Foto: Willam de Morais

Todo pastor é um administrador. Ele deve cuidar do seu tempo, da sua família, dos seus recursos e do seu trabalho.

Nos últimos anos, uma enxurrada de ideias, ferramentas e estratégias têm sido propagadas a respeito de administração eclesiástica. Certamente, você já utilizou várias delas e até obteve resultados satisfatórios. No entanto, o método de Cristo continua infalível: o pastor deve *apascentar* suas ovelhas. E de que forma prática isso deve acontecer? Um ministério eficiente envolve pregações bíblicas sólidas, oração intercessória contínua, planejamento evangelístico eficaz, capacitação da igreja para o cumprimento da missão, envolvimento dos membros em pequenos grupos e, é claro, visitação constante. O pastor que visita suas ovelhas demonstra amor por elas e, consequentemente, conhece as necessidades da igreja.

Todo pastor é um administrador. Ele deve cuidar do seu tempo, da sua família, dos seus recursos e do seu trabalho. Uma das suas principais atribuições é a gestão, a qual envolve planejamento, organização, execução e avaliação. Como você tem lidado com cada um desses aspectos? Nessa época tão desafiadora, suas ovelhas estão bem cuidadas? Ellen White recomendou: "Aqueles a quem fora entregue a responsabilidade da administração geral da igreja não deveriam assenhorear-se da herança de Deus, mas, como sábios pastores, apascentar 'o rebanho de Deus', 'servindo de exemplo ao rebanho'" (*Conselhos Para a Igreja*, p. 249).

No relato bíblico, os animais que naufragaram foram os cavalos de faraó e os porcos dominados por demônios. Não permita que as ovelhas do seu redil se encharquem nas águas geladas do formalismo, nas águas ferventes do liberalismo e muito menos nas águas mornas de uma religião apática. Cuide do rebanho do Senhor!

DIA DO ANCIONATO
24 de junho
Se você permanecer FIEL,
Eu lhe darei a COROA DA VIDA
Apocalipse 2:10
Fotografia: Alexandre Rocha / @AdobeStock

EXTREMOS PERIGOSOS

Há alguns anos, quando iniciei meu ministério, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas maduras, equilibradas e comprometidas com Cristo e Sua Palavra. Cada uma delas marcou positivamente minha vida pelo exemplo, fidelidade ao evangelho, amor pela igreja e paixão pela missão. Hoje sou muito grato a Deus pelo privilégio que me deu de conviver com elas.

Por outro lado, conheci também pessoas que seguiam uma religião extremista, regulada pelo comportamento. Parecia que esses cristãos não haviam experimentado a alegria da salvação em Cristo. Imagino que, talvez, muitos deles até fossem sinceros, mas viviam dentro de uma "camisa de força", obcecados por restrições relacionadas à alimentação, vestuário, música e recreação. Esses crentes estavam mais preocupados com o esforço das próprias mãos do que com o fruto do Espírito.

Embora esses itens façam parte da vida, o problema está na crença de que o comportamento poderá nos levar a uma vida sem pecado, ou seja, a uma realidade de perfeição moral semelhante à de Adão antes da queda. Como a salvação pelas obras é impossível de ser alcançada, o resultado encontrado pelos perfeccionistas sempre foi de desistência, apostasia ou criação de seu próprio "movimento".

Atualmente, a ênfase parece estar no polo oposto. Muitos "pregadores" se utilizam das redes sociais para dizer que a igreja precisa ser menos institucionalizada, sem regras e sem tradição, como se toda tradição fosse negativa. Além disso, afirmam que tudo se resume no amor e não há mais a necessidade de se pregar a renúncia, a confissão de pecados, a santidade e o compromisso com um movimento profético. Para eles, essas são doutrinas de "homens".

Parece que os progressistas são completamente diferentes dos perfeccionistas. No entanto, só parece; eles têm muitos pontos em comum e mudam apenas de polo. Observe algumas semelhanças:

1. *Ambos desprezam líderes e instituições.* Geralmente, discordam da liderança da igreja e isso não é feito com um espírito que gera reflexão, ajustes e crescimento, mas que produz revolta e acusações levianas.

> Os perfeccionistas enfatizam a santidade sem Cristo e os progressistas salientam um cristianismo sem santidade.

2. *Ambos perdem seu cristianismo quando são contrariados.* Todas as vezes que a igreja se posiciona contra esses movimentos, ela está errada e é alvo de severos ataques. O argumento usado é: a igreja não ama e não tem sido fiel aos seus princípios.

3. *Ambos são obsessivos.* Os perfeccionistas enfatizam a santidade sem Cristo e os progressistas salientam um cristianismo sem santidade.

4. *Ambos se posicionam sobre os eventos finais.* Para os perfeccionistas, tudo está relacionado ao fim e deveríamos deixar as cidades sem cumprir a missão que Cristo nos deixou. Para os progressistas tudo é alarmismo; o que importa é o aqui e o agora.

5. *Ambos falam sobre a lei.* Para os perfeccionistas, a lei é tudo e Cristo é uma espécie de acessório. Para os progressistas, Cristo é a nova hermenêutica e a lei deve ser descartada.

6. *Ambos interpretam a Bíblia.* Para os perfeccionistas, tudo é literal. Para os progressistas, a Bíblia deve ser reescrita, pois está desatualizada.

Diante de tudo isso, qual deveria ser nossa atitude? Como liderar a igreja em tempos tão complexos? Acredito que o conselho de Paulo deveria ser o vetor de nossa missão, de nosso trato e de nossos valores: "Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo Naquele que é a cabeça, Cristo" (Ef 4:15). As verdades das Escrituras como, por exemplo, o sábado, o santuário, o estilo de vida, a mensagem de saúde, o casamento entre homem e mulher, entre outras, precisam ser acompanhadas pelo amor, e o amor não exclui a verdade bíblica. Ambas fazem parte da natureza de Deus. Excluí-las significa incorrer na heresia do perfeccionismo ou na apostasia do progressismo.

Que Deus nos dê sabedoria ao lidar com esses extremos perigosos.

LUCAS ALVES
secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

Foto: Divulgação DSA

PREGANDO COM AS MÃOS

Segundo um estudo feito em conjunto pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda, existem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva no Brasil. Desse total, 2,3 milhões têm deficiência severa. Como podemos alcançar essas pessoas com a mensagem do evangelho eterno?

Nesta entrevista, o pastor Douglas Silva – o primeiro pastor adventista surdo do Brasil – reflete sobre a importância do Ministério das Possibilidades na igreja local. Formado em Teologia pela Faculdade Adventista da Amazônia (Faama), atualmente exerce seu ministério em São Paulo. Casado com Karen Sanches, o casal tem dois filhos: Lucas e Felipe.

Como foi o processo de sua conversão?

Nasci em São Paulo, em 1987. Aos cinco anos, perdi a audição ao levar uma pancada na cabeça enquanto brincava com colegas na escola. Passei a usar aparelho auditivo, mas ele não me ajudou muito. Aos 15 anos, quando morávamos em Hortolândia, o professor Jorge Batista me convidou para conhecer o grupo de surdos do Unasp, campus Hortolândia. Era sábado, e quem pregava, era o pastor Antônio Braga. Aquele dia foi marcante para mim, pois enquanto ele pregava, eu observava a reação das pessoas. Naquele momento, senti o desejo de entender a pregação, mas para isso, precisaria aprender Libras. Foi então que conheci Fagner e Fernando, que são surdos adventistas. Eles me ensinaram a língua de sinais. Depois de algum tempo, voltei para assistir ao culto. Naquele dia, o pastor pregou sobre a volta de Jesus. Eu entendi tudo! Aquela mensagem fez parte do início da minha conversão, pois eu não sabia que Jesus ia voltar. Após receber estudos bíblicos com o Marco Antônio, professor da classe bíblica dos surdos, decidi pelo batismo. Fui batizado durante o Conasi, Congresso Nacional Adventista de Surdos e Intérpretes, em Hortolândia, em 2004.

> O discipulado tem sido o foco principal de nosso ministério. Esperamos que surjam novas igrejas semelhantes à nossa em outros pontos do Brasil.

Que passos foram dados antes de se tornar um pastor?

Depois do meu batismo, tive o desejo de levar a mensagem aos surdos. Formei uma dupla missionária com Edson Sá, um dos pioneiros desse ministério no Brasil, e passamos a visitar muitas casas de surdos. Aos sábados, eu era professor da classe de Escola Sabatina para surdos e, às vezes, pregava em alguma igreja ou viajava para conhecer outros Ministérios de Surdos. Foi em uma dessas visitas que conheci Karen Sanches, que é surda e foi professora da classe bíblica do Ministério de Surdos de Maringá, no Paraná. Nós nos casamos em 2010. Foi com o apoio dela e do meu grupo que decidi estudar Teologia.

Até então, não havia pastor surdo no Brasil. Esse era um sonho antigo de nossa comunidade e que acabou se tornando meu também. Em 2011, ingressei na

Foto: Gentileza do entrevistado

Faculdade de Teologia da Faama, no Pará. O diretor e professor Davi Tavares me apoiou muito durante os quatro anos de curso. Tive também a companhia da incansável missionária Nazaré Aires, que foi minha intérprete durante a maior parte do tempo. Fico emocionado ao lembrar que, na formatura, ela recebeu uma homenagem pela sua dedicação. Naquela ocasião também esteve presente o pastor Jeff Jordan, primeiro pastor adventista surdo do mundo, formado pela Universidade Andrews. Pela graça de Deus, eu fui o segundo do mundo e o primeiro do Brasil.

Como está seu ministério atualmente?

Logo após me formar em 2014, fui chamado pelo pastor Sidionil Biazzi para trabalhar na Associação Paulistana. Ele, que tem um filho surdo, propôs que eu implantasse uma igreja para surdos. Comecei a reunir líderes surdos e intérpretes de nossa Associação para juntos realizarmos esse sonho. Com o apoio do projeto Antioquia de plantio de igrejas e de vários pastores do Campo, conseguimos inaugurar o Espaço Comunidade Surda, no Centro Histórico de São Paulo. Além de ser uma igreja, ele também é um centro de influência para a comunidade surda, onde oferecemos cursos de Libras, palestras, feiras de saúde e encontros para surdos, familiares e amigos de surdos. Tenho o privilégio de ser pastor para mais de 50 membros surdos.

Quais são os desafios em sua comunidade?

Os maiores desafios hoje são crescer e multiplicar. O discipulado tem sido o foco principal de nosso ministério. Esperamos que surjam novas igrejas semelhantes à nossa em outros pontos de São Paulo e do Brasil. Também queremos que cada distrito tenha pelo menos um intérprete como forma de ter acessibilidade para os surdos. É muito gratificante ver um surdo envolvido ativamente na missão. Ele se sente capaz e, ao mesmo tempo, útil em servir a Deus. Em Apocalipse 14:6 e 7 lemos que o evangelho será pregado em todas as línguas e povos. A comunidade surda é nosso povo e Libras é nossa língua. Estamos fazendo nossa parte e creio que somos guiados pelo Espírito Santo nessa obra. Espero que, em breve, a profecia de Isaías 29:18 se cumpra: "Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres da escuridão e das trevas, as verão."

> Jesus era atencioso com surdos, cegos, coxos, viúvas e órfãos. Devemos seguir o exemplo Dele e prestar mais atenção a essas pessoas.

Como você enxerga a maneira como a igreja tem lidado com as pessoas com deficiências?

Por muito tempo a igreja teve dificuldade de lidar com pessoas com deficiência. Porém, hoje é bem diferente. As pessoas se preocupam mais com acessibilidade. O Ministério das Possibilidades viabiliza maior preparo humano e também mais recursos. Esse ministério surgiu em uma reunião do doutor Larry Evans, antigo diretor de Mordomia e do Ministério dos Surdos da Associação Geral, com sua equipe, da qual eu fazia parte. Todos nós lutamos para que essa ideia se tornasse real. Hoje, graças a Deus, ela faz parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia em todo o mundo.

O Ministério das Possibilidades tem chamado atenção para a acessibilidade, e muitos surdos têm procurado a igreja em busca de recursos. Estamos tentando dar conta da grande demanda de produção de materiais evangelísticos. Além disso, uma excelente iniciativa evangelística acontece há mais de oito anos, o Evangelibras, produzido pela Divisão Sul-Americana. Tive o privilégio de ser o pregador na maioria desses anos. Atualmente, esse projeto é liderado pelo pastor Alacy Barbosa, responsável pelo Ministério das Possibilidades na América do Sul. Nossa intenção é que esse evangelismo aconteça em cada União. Assim, envolveremos mais líderes e alcançaremos mais surdos para Cristo.

Quais conselhos você daria para pastores e líderes de igreja?

O meu conselho para todos – inclusive para quem faz parte do Ministério das Possibilidades – é que tenham mais empatia. Jesus era atencioso com surdos, cegos, coxos, viúvas e órfãos. Devemos seguir o exemplo Dele e prestar mais atenção a essas pessoas. Talvez precisemos mais delas do que elas precisam de nós.

LIDERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

O papel do líder na administração da igreja

Joel Álvarez

O desenvolvimento e o sucesso de qualquer igreja ou ministério, em grande medida, depende do estado em que se encontra a liderança. O líder que deseja ter êxito em seu trabalho ministerial necessita de habilidades, de competências e, sobretudo, de uma boa relação com Deus.

Sob essas premissas, torna-se imprescindível rever o trabalho pastoral no contexto de sua gestão na igreja local. Além disso, é importante observar o que as Escrituras e outros autores dizem sobre uma boa liderança e os desafios administrativos atuais.

Crescimento em Cristo

As igrejas precisam desenvolver os dons proporcionados pelo Espírito Santo. Porém, quando essas graças espirituais não são usadas pelos membros do corpo de Cristo, o desânimo e a inatividade podem se transformar em dormência espiritual. É isso o que a comunidade cristã deseja? Creio que não. Os fiéis de nossas igrejas necessitam ser formados, informados, reformados e transformados à imagem de Cristo. Por definição, o corpo de Cristo é dinâmico e requer avanço constante.

Geoffrey Bromiley escreveu que Jesus "é o coração e o fundamento do nosso ministério".[1] Dessa forma, cada crente é membro do corpo de Cristo e sócio de Seu ministério contínuo, colaborando no serviço de salvar pessoas. Nesse processo, o Espírito Santo sempre foi fundamental, inclusive no tempo da igreja apostólica. Refletindo sobre isso, F. F. Bruce escreveu: "O surgimento e o progresso do cristianismo, desde os seus primórdios até à conversão dos ingleses, optou por usar a analogia da expansão do fogo".[2] A igreja, como um incêndio fora de controle, espalhou-se de Jerusalém em um período relativamente curto e alcançou todo o mundo conhecido. O que havia no cristianismo, em suas crenças, em suas práticas e em seus primeiros adeptos, que provocou sua rápida expansão até os confins da Terra? Um aspecto a considerar é que surgiu do solo estéril do fragmentado judaísmo. Além disso, nasceu em um período notável da história que propiciou sua expansão. O apóstolo Paulo se referiu a essa ocasião como "a plenitude do tempo" (Gl 4:4): a época do nascimento de Cristo e de Sua igreja.

Necessidade de organização

O *Manual da Igreja* diz: "Assim como não pode haver um corpo humano vivo e ativo, a menos que seus membros estejam organicamente unidos e funcionando juntos, igualmente não haverá uma igreja viva, que cresça e prospere, a menos que seus membros estejam unidos em um corpo espiritual coeso, todos desempenhando seus deveres e funções outorgados por Deus, sob a direção de uma autoridade divinamente constituída. Sem organização, nenhuma instituição ou movimento pode prosperar."[3]

O Novo Testamento fornece evidências de uma igreja organizada e, como em qualquer instituição em desenvolvimento, percebe-se o dinamismo e a centelha de um grande movimento. Edward Hayes explicou: "Sob a direção e o cuidado apostólico, surgiu uma organização que correspondeu à necessidade. [...] Mas embora não seguindo uma ordem especial, surgiram certos padrões organizacionais imediatamente depois do Pentecostes. [...] A fé da igreja crescente não foi estática, mas vibrava com a vida e o dinamismo."[4] A necessidade administrativa surgiu ao se deparar com a multiplicação diária de conversos. Tornou-se urgente organizar as forças evangelizadoras para alcançar o maior número de pessoas com a mensagem de salvação. As Escrituras especificam que foram designados anciãos nas igrejas (At 14:23), os quais deviam zelar pela "sã doutrina" e administrar os recursos doados pelos voluntários da igreja.

Desafios da liderança

A administração eclesiástica e a liderança pastoral são duas realidades necessárias em nossa comunidade. A igreja do século 21 deve ser capaz de examinar tudo e reter o que é bom (1Ts 5:21), especialmente em matéria de organização.

A liderança pastoral exige muitas tarefas e responsabilidades: "Em virtude de sua ordenação, ele [o pastor] está qualificado para dirigir todos os ritos e cerimônias. Deve ser o líder e conselheiro da congregação. Deve instruir os oficiais em seus deveres e planejar com eles todos os ramos da obra e das atividades da igreja."[5]

Existe hoje a necessidade crescente de uma liderança acompanhada por claros princípios de administração. Inclusive a evolução tecnológica exige também uma certa atualização no âmbito administrativo. Líderes cristãos tomaram consciência da necessidade de otimizar seus esforços para adquirir melhores competências administrativas. Isso significa que alguns líderes cristãos não parecem tão reticentes quanto ao uso de conceitos seculares no âmbito eclesiástico. Muitas organizações cristãs tentaram aplicar a filosofia administrativa secular para levar adiante a obra de Deus. No entanto, os princípios bíblicos de administração são essenciais para desenvolver e manter uma organização cristã.

"Se a empresa cristã deseja realizar as tarefas que Deus lhe propõe, seus líderes devem aplicar os princípios de administração com base na Palavra de Deus."[6] Isso significa buscar nas Escrituras respostas sobre como administrar a obra do Senhor. O mesmo autor esclareceu que, "no passado, a comunidade cristã não se preocupava em manter um equilíbrio entre a liderança espiritual e a administrativa".[7] No entanto, a literatura atual concorda em

Adobe Stock

Cada pastor deve se orientar pelos princípios estabelecidos por Cristo em Sua Palavra. Deve compreender e conhecer o mundo em que está inserido e pedir diariamente para ser cheio do Espírito Santo.

mencionar a importância e a necessidade de uma liderança como a de Cristo. É com essa consciência que, recentemente, as organizações cristãs passaram a dedicar mais tempo construindo uma liderança administrativa.

Em certas áreas, a administração eclesiástica não é tão diferente da administração de empresas. Ambas as áreas compartilham certos princípios: planejar, organizar, dirigir, coordenar e avaliar. Segundo Wilfredo Calderón, "a administração eclesiástica é o processo pelo qual a igreja, como um corpo, alcança seus objetivos por meio dos seus membros, mediante valorização, planejamento e organização, para uma execução coordenada e eficaz".[8] Como processo de planejamento, a organização deve coordenar e dirigir as atividades da instituição. O planejamento também se aplica às pessoas, organizadas em uma hierarquia, que desempenham tarefas ou funções. Também deve ser reconhecido que a organização é um dos dons do Espírito Santo (1Co 12:28), que consiste na capacidade que Deus dá a certos membros do corpo de Cristo para gerir as questões administrativas da igreja (At 6:1-7; Lc 14:28-30).

A administração é dirigida por pessoas com habilidades dadas por Deus e que entenderam que o corpo de Cristo precisa ter planos a curto, médio e longo prazo, a fim de cumprir sua missão na Terra. Peter Wagner assinala que o corpo de Cristo deve "compreender claramente os objetivos imediatos e de longo prazo de uma unidade particular do corpo de Cristo e conceber e executar planos efetivos para a realização dessas metas".[9]

Reconstruindo o conceito de liderança

Como liderar uma organização? Essa preocupação se expressa materialmente na busca pela efetividade nas ações. Nesse sentido, procura-se melhorar o aproveitamento dos recursos, a economia de esforços e a otimização de resultados. Em nossa era de avanço científico e tecnológico, nada pode ficar ao acaso. Portanto, pastores, gerentes ou qualquer outro tipo de administrador precisam refletir sobre a responsabilidade de se trabalhar com pessoas.

Mas, o que significa, então, liderar organizações? Para responder essa pergunta, devemos reconhecer que a administração é tão antiga quanto o ser humano. Quando um homem constitui uma família e se sente na obrigação de cumprir metas, surge a necessidade de distribuir tarefas e atribuir certas responsabilidades a cada integrante. Da mesma forma, dirigir uma congregação requer dedicação intensa e constante. O próprio Jesus usou princípios de comando, estabeleceu hierarquia e delegou autoridade. Assim, os discípulos desenvolveram um estilo de administração que, até hoje, as igrejas seguem como exemplo.

Ralph Stogdill revisou mais de três mil livros e artigos e concluiu como é difícil ter uma compreensão clara e integrada do conceito de liderança. Advertiu que "existem tantas definições de liderança como pessoas que tentaram definir o conceito".[10] McCall e Lombardo, citados por José M. Peiró, indicaram que "o número de modelos não integrados, teorias e esquemas conceituais sobre a liderança é preocupante".[11] Isso porque, na sua maioria, a literatura a respeito contém muitos erros e contradições.

No entanto, dentro da ciência da administração, as seguintes definições podem esclarecer certos aspectos. George R. Terry afirmou que administrar é "um processo distintivo que consiste no planejamento, organização, direção, execução e controle do trabalho através do emprego de pessoas e recursos de vários tipos".[12] Herbert A. Simon definiu "administração" como uma "ação humana, racional e cooperativa para chegar a determinados objetivos".[13] É evidente que esses conceitos não podem ser dissociados do que acontece no trabalho pastoral. Ele demanda pressões e desafios como treinamento e educação constante, orientação aos membros em suas responsabilidades, planificação, acompanhamento e avaliação das ações administrativas.

Segundo George Terry, "a habilidade de um líder deveria ser induzir os seguidores a trabalhar juntos, com zelo e confiança em tarefas fixadas por ele".[14] Tomislav Ostoic observou também que "liderança é a arte de influenciar as pessoas de modo que elas se esforcem voluntariamente para as metas do grupo. [...] O líder toma seu lugar à frente do grupo, facilitando seu progresso e inspirando-o a alcançar as metas da organização".[15] Em outras palavras, onde existem grupos humanos, aparecerão pessoas que exercem influência sobre os outros, dirigindo e orientando suas atividades.

Pastor-líder

O termo pastor na Bíblia deriva da palavra hebraica *rō'ê* e do substantivo grego *poimēn*, cujos significados básicos apontam para a ideia de apascentar, alimentar e cuidar.[16] Também "é usado com referência a Deus, o grande Pastor, que apascenta Suas ovelhas (Sl 23:1-4; cf. Jo 10:11)".[17] O Salmo 23, reconhecido como uma joia literária do Saltério, é um "canto de confiança descrevendo o cuidado de Deus para com o rei e sua comunidade, usando a imagem de um pastor e anfitrião".[18] Esse é o

jeito divino de "administrar" Seu povo e deve ser o *modus operandi* dos pastores de hoje: apascentar pessoas.

É interessante observar que Israel era um povo predominantemente pastoral. Seus conceitos religiosos foram coloridos por seu vocabulário e hábitos comuns em uma comunidade pastoral. Na Bíblia, o termo "pastor" foi usado pela primeira vez por Jacó, em Gênesis 49:24. A metáfora do pastor indica as intenções de Deus ao cuidar do Seu povo, pois sabe que as ovelhas necessitam de constante vigilância e proteção contra as feras, além de abrigo e conforto. "O pastor ajuda os perdidos e doentes. Sem pastor, as ovelhas geralmente perecem."[19] Daniel Carro indica algumas qualidades do pastor presentes no Salmo 23:

1. O bom pastor: vida e proteção.
2. O pastor bondoso: descanso e repouso.
3. O pastor sábio: guia e ensino.
4. O pastor poderoso: companhia e vitória.
5. O pastor cuidadoso: provisão e alimento.
6. O pastor pessoal: amizade e conforto
7. O pastor principal: casa e família.[20]

No Novo Testamento, Jesus é apresentado como o Bom Pastor (10:11), "o grande Pastor das ovelhas" (Hb 13:20), o "Supremo Pastor" (1Pe 5:4). Ele foi capaz de dar a vida para salvar Suas ovelhas. Jorge A. Leão escreveu: "É preciso ver Jesus, por um lado, pregador e, por outro, pastor, o que cuida e cura as ovelhas."[21] Depois da ressurreição, Jesus disse aos discípulos: "Como o Pai Me enviou, assim vos envio" (Jo 20:21). Ele espera que cada pastor assuma sua responsabilidade do mesmo modo como Ele a cumpriu, tanto na proclamação do evangelho quanto no ministério pessoal.

Pode-se observar ainda que, no contexto em que Jesus expressou "Eu Sou o Bom Pastor", Ele advertiu que existem pessoas que, embora sejam pastores, são catalogadas como "assalariadas", ou seja, não têm interesse em defender o rebanho. Jesus olhou para o mundo religioso e observou os "assalariados" vivendo de seus luxos e deixando de lado o cuidado pelas ovelhas. Estes homens não eram pastores, mas caçadores. Que tipo de postura assumimos hoje? Somos pastores ou apenas assalariados?

Conclusão

Quando uma pessoa aceita o chamado de Deus para entrar no ministério pastoral, terá de enfrentar grandes desafios: a resolução de conflitos interpessoais, restaurar a vida espiritual da igreja, orientar, capacitar, visitar, dar estudos bíblicos, pregar a grandes e pequenos auditórios, administrar cerimônias de batismo, funeral, casamento, entre outras atividades. A lista de atividades ao serviço de Deus parece não terminar. Jorge A. Leão explicou de maneira interessante a vocação pastoral no século 21: "O pastor tem que cumprir seu ministério em um mundo profundamente conflitante, com problemas aos quais não se pode dar uma solução rápida e fácil."[22]

Não é estranho, então, encontrar pastores confusos em um mundo confuso. Essa confusão exige uma mensagem de salvação com propósitos concretos e com suma urgência. Cada pastor deve se orientar pelos princípios estabelecidos por Cristo em Sua Palavra. Deve compreender e conhecer o mundo em que está inserido e pedir diariamente para ser cheio do Espírito Santo. Assim, poderá pastorear de maneira correta as ovelhas que foram encomendadas à sua responsabilidade.

Ellen White descreveu o espírito que deve caracterizar o pastor: "O espírito do verdadeiro pastor é de total esquecimento de si mesmo. Ele perde de vista o eu para que possa fazer as obras de Deus. Pela pregação da Palavra e pelo ministério pessoal nos lares do povo, toma conhecimento de suas necessidades, tristezas e provações; e ao cooperar com Aquele que carrega nossos fardos, participa das aflições das pessoas, confortando-as em suas tristezas, alimentando a alma faminta e ganhando o coração delas para Deus."[23]

Referências

[1] G. W. Bromiley, *Christian Ministry* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1959), p. 35.

[2] F. F. Bruce, *Hechos de los Apóstoles: Introducción, Comentario y Notas* (Grand Rapids, MI: Nueva Creación, 1990), p. 91.

[3] *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 27.

[4] Edward L. Hayes, *La Iglesia: El cuerpo de Cristo hoy* (Puebla: Las Américas, 2003), p. 148.

[5] *Manual da Igreja*, p. 34.

[6] Aldo Broda, *Administración: principios gerenciales para líderes cristianos* (Miami: Editorial Unilit, 2001), p. 12.

[7] Broda, p. 12.

[8] Wilfredo Calderón, *Administración de la Iglesia Cristiana* (Miami FL: Vida, 1982), p. 45.

[9] C. Peter Wagner, *Su Iglesia Puede Crecer* (Barcelona: Clie, 1980), p. 137-153.

[10] Mónica García Solarte, "Formulación de un modelo de liderazgo desde las teorías organizacionales", *Entramado*, v. 11 nº 1, 2015, p. 60-79.

[11] J. M. Peiró, *Desencadenantes del Estrés Laboral* (Madri: Pirámide, 1999), p. 77.

[12] Terry George, *Principios de Administración* (Nova York: McGraw Hill, 1961), p. 1.

[13] Herbert A. Simón, *Administrative Behavior* (Nova York: MacMillan 1958), p. 1.

[14] Terry George e Leslie Rue, *Principios de Administración* (Buenos Aires: El Ateneo, 1986), p. 5.

[15] Tomislav Ostoic, *Administración Educacional* (Antofagasta: Universidad Católica del Norte, 1998), p. 32.

[16] cf. Ludwig Koehler; *Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 1259; Walter Bauer, *A Greek–English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, p. 843.

[17] W. E. Vine, *Diccionario Expositivo de Palabras del Antiguo y del Nuevo Testamento Exhaustivo* (Nashville, TN: Caribe, 1999), p. 531.

[18] The Lockman Foundation, *Biblia de Estudio* (La Habra, CA: Foundation Publications, 2000), Salmo 23.

[19] Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli. *Comentario Bíblico Mundo Hispano* (El Paso, TX: Mundo Hispano, 1993), v. 8, p. 124, 125.

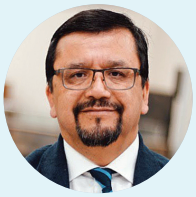
[20] Carro, Poe e Zorzoli, *Comentario Bíblico Mundo Hispano*, v. 8, p. 124, 125.

[21] Jorge A. León, *Psicología Pastoral Para Todos los Cristianos* (Buenos Aires: Kairos, 2012), p. 49.

[22] León, *Psicología Pastoral Para Todos los Cristianos*, p. 55.

[23] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 335.

JOEL ÁLVAREZ
professor na Universidad Adventista de Chile



Gentileza do autor

MEDO OU ESPERANÇA?

Como abordar o Apocalipse em tempos de ansiedade

Laszlo Gallusz

Antes mesmo da Covid-19, o mundo já enfrentava uma crise de esperança. Com a pandemia, a humanidade constatou que, realmente, muitas coisas fogem ao seu controle. A incerteza – impressão de que algo deu errado no mundo – tem provocado um medo existencial generalizado. Apenas 6% das pessoas nos Estados Unidos, 4% na Grã-Bretanha e 3% na França consideram que o mundo está melhorarando.[1]

Essa crise existencial deve, portanto, ter um impacto significativo na maneira como a mensagem do Apocalipse é pregada. A perspectiva escatológica constitui um recurso importante para atravessar este momento de incerteza, pois responde às questões fundamentais levantadas pelas crises.

Pensamento escatológico contemporâneo

A cultura secular, os filmes, a televisão, os jogos, as histórias em quadrinhos e a literatura têm interesse no fim do mundo. A possibilidade do fim não é apenas discutida, mas também prevista. Depois de Hiroshima, a ameaça nuclear trouxe ansiedade ao nosso subconsciente, e ameaças existenciais, como o medo de mudanças climáticas, são realidades atuais.[2] Apesar dos sinais de alerta, não estamos mudando radicalmente nosso estilo de vida. Daí a recente advertência de que a vida humana "está em perigo porque não é mais amada, reconhecida e aceita".[3]

A polarização e a fragmentação da sociedade – marcas do espírito de nossa época – representam riscos adicionais ao nosso planeta. As convulsões sociais, a injustiça social e o terrorismo internacional são apenas algumas das expressões mais visíveis dessa polarização. Apesar do progresso científico e tecnológico, nossa era é esmagada por uma perda de confiança, fortemente alimentada pelas mídias sociais. As instituições que antes mantinham a sociedade unida agora estão debilitadas e até mesmo sendo ridicularizadas.

Ainda que cada época tenha seu lado sombrio e suas patologias, a nossa parece tão débil que tememos pela existência da própria humanidade. Em uma era de notícias falsas e manipulação, as pessoas estão famintas por autenticidade, solidariedade e justiça. Movidos pela necessidade de imperativos morais, ficamos chocados com o mal que o próprio ser humano consegue causar. "Ironicamente, vivemos em um Universo no qual estamos no comando; porém, tudo o que vemos no horizonte é o nosso fim. Isso é distopia."[4]

Em uma época marcada pela distopia, a pregação do evangelho deve ser realizada de maneira diferente da que era feita no passado, quando havia otimismo e esperança de progresso. O evangelho deve, antes de tudo, nos conscientizar de que "existe um 'quadro geral' na vida – não apenas uma série de observações desconexas".[5] Deve nos lembrar constantemente do panorama cósmico em que a cultura da vida supera o mal.[6] E, acima de tudo, deve nos assegurar que existe uma conexão entre este mundo e o vindouro, no qual temos um lugar assegurado pela provisão do próprio Deus.

Esperança cristã

A esperança cristã não é uma ilusão ou um otimismo cego; é em vez disso, fundamentada na fidelidade do Criador, que age na história humana e não permite que o mal tenha a palavra final. Ele nunca desistiu de nós, apesar da nossa rebelião. Pelo contrário, estabeleceu um plano de resgate da humanidade caída. Esse é o evangelho, as "boas-novas" de salvação.

Adobe Stock

O ponto focal do grande plano salvífico de Deus é a cruz. É por isso que qualquer discussão sobre esperança precisa estar centralizada na morte e ressurreição de Cristo – a base de tudo aquilo que o cristianismo tem a oferecer para um mundo imerso em desesperança. A ressurreição de Cristo significa que a morte foi derrotada e o futuro está assegurado. Note que não é o progresso social ou econômico a base da esperança do cristão, mas o próprio Deus que, por meio de Cristo, uniu-Se à humanidade com laços que nunca mais poderão ser rompidos.

O gênero apocalíptico reúne várias visões reveladoras (Dn 8:19; Ap 1:11) recebidas pelos profetas por intermédio de mensageiros celestiais. No entanto, nossas interpretações dessas visões nunca devem ofuscar a Fonte. O próprio Deus é o tema principal desses livros proféticos. O fato de que Ele, como Criador, age na história humana – de acordo com o plano definido para nossa restauração – é prova de Sua fidelidade. Não há prova melhor do que esta: Ele "nos amou e nos deu eterna consolação e boa esperança, pela graça" (2Ts 2:16).

Portanto, a abordagem das profecias apocalípticas deve estar centrada em Cristo, não na besta ou nas pragas, porque a ênfase principal desses escritos é o triunfo dos propósitos divinos, não a agenda enganosa das forças das trevas. Quando as forças do mal são desmascaradas, elas mostram a nítida diferença entre o caráter Daquele que é o Autor da vida – "a Fiel Testemunha", o "Cordeiro que parecia que tinha sido morto" (Ap 1:5; 5:6) – e aquele que está por trás de todo o mal: a "antiga serpente, [...] o sedutor de todo o mundo" (Ap 12:9).

Cosmovisão distorcida

Todos os seres humanos vivem em um "imaginário social", composto pelas opiniões e práticas adquiridas da família, da comunidade e da sociedade em geral. Essas ideias e práticas estão profundamente arraigadas em nosso ser e formam nossa visão de mundo. A atual distopia na sociedade ocidental revela quão vulnerável é a cosmovisão antropocêntrica e secular, enraizada no individualismo e no instrumentalismo (uma mentalidade que mede o sucesso por meio da eficiência máxima).[7] Evidentemente, se ignorarmos a existência de Deus e de uma ordem moral transcendente, seremos forçados a crer que a humanidade existe por conta própria e vive apenas para si mesma.

O ensino das profecias é um recurso valioso para uma geração que busca uma alternativa significativa para esse cenário sem esperança. Ele retrata a realidade por meio de uma teologia de duas cidades, Babilônia e Jerusalém, que incorporam dois sistemas de pensamento radicalmente diferentes e duas perspectivas diferentes da vida humana (Dn 1:1; Ap 17; 21; 22). Esses dois sistemas têm como base diferentes conjuntos de valores: sacrifício e serviço *versus* violência e despotismo.

A teologia apocalíptica implica que a humanidade está aprisionada no conflito entre essas duas cosmovisões, por trás das quais estão duas forças: a de "Alguém que estava sentado no trono" (Ap 4:2; cf. Dn 7:9) e daquele que resiste ao plano de Deus pela violência e engano (Ap 12:9; cf. Dn 10:13). O motivo do conflito cósmico, centrado na questão do poder e da lealdade humana, fornece uma estrutura fundamental para a compreensão da realidade.[8] Em nossa época de valores distorcidos, notícias falsas e manipulação, uma revelação autêntica sobre o verdadeiro caráter de Deus, em contraste com o caráter enganador da humanidade, é de extrema importância.

Dimensões práticas da esperança

Daniel e Apocalipse revelam não apenas quem é Deus e quais são Suas intenções na história humana (comunicadas por meio das profecias), mas revelam também quem somos e como devemos viver. Deus é revelado na literatura apocalíptica como Aquele que ama a vida e não permitirá que ela seja extinta. É por isso que a teologia apocalíptica aborda intensamente o problema do mal e do sofrimento.[9]

A humanidade não é percebida como a criação de um governante cósmico indiferente ou envolvido parcialmente, mas como digna do amor e autossacrifício do próprio Criador – uma criação cuja restauração já está em andamento. O gênero apocalíptico se interessa na resposta da humanidade à obra divina de restauração. É por isso que, no coração do Apocalipse, encontramos o chamado para que "temam a Deus e deem glória a Ele" (Ap 14:7).

Se pregada de modo fundamentado e adequado, a mensagem apocalíptica tem grande possibilidade de moldar a cosmovisão dos cristãos e estimular seu compromisso, porque chama atenção para várias dimensões de nossa realidade e para o trabalho incansável de Deus nos bastidores. No entanto, precisa ser pregada de modo que a vida seja validada, em oposição ao terror e à ameaça. Deve ser pregada para que a noção de esperança substitua o desespero, e Deus triunfe sobre o caos provocado pelas forças da morte. Nesta era de distopia, enquanto as calamidades ocorrem ao nosso redor, o evangelho deve ser ouvido como o "evangelho do reino" (Mt 24:14), que gerará a esperança viva tão necessária neste mundo instável.

O fim prometido

O mundo está cheio de problemas, aparentemente insolúveis, que alimentam o sentimento universal de desesperança. Por outro lado, a mensagem apocalíptica bíblica oferece uma solução ampla e definitiva. Embora a solução esteja fundamentada na morte e ressurreição de Cristo, alcança seu cumprimento final na vinda do reino de Deus em sua plenitude. Por essa razão, a pedra cortada "sem auxílio de mãos humanas" em Daniel 2:34 é uma "pedra de esperança",[10] e a cidade de Apocalipse 21:9 a 22:5 é a materialização da novidade trazida pela obra de restauração de Deus.

A morte e ressurreição de Jesus é o evento fundamental a partir do qual a obra de

uma nova criação divina iniciou. Deus "Se fez carne e habitou entre nós" temporariamente (Jo 1:14). No fim da história humana, no entanto, Ele habitará conosco permanentemente, e a humanidade redimida será o Seu povo (Ap 21:3). Em um mundo em que a salvação por intermédio de obras humanas é uma impossibilidade, o evangelho trata da restauração por meio da obra do próprio Deus. O medo existencial é substituído pela esperança existencial – e a cultura do terror e da morte é substituída pela cultura da vida.

A literatura apocalíptica bíblica costuma ser pregada como uma bola de cristal cristã para ler o futuro. O valor das visões proféticas não é comumente questionado, mas nessa época de ansiedade, a mensagem apocalíptica deveria ser ensinada e pregada como uma literatura que inspira esperança. Isso requer uma abordagem cristocêntrica e atenção especial aos motivos práticos da promessa de redenção oferecida pelo Céu. As profecias apocalípticas serão ouvidas com maior nitidez se apresentadas de maneira que ecoem às necessidades existenciais de nossa época. Mantenha Jesus, Seu amor e Sua segunda vinda diante das pessoas o tempo todo. E lembre-se: "No amor não existe medo; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o medo" (1Jo 4:18).

Referências

[1] Ver Max Roser, "Most of us are wrong about how the world has changed (especially those who are pessimistic about the future)," *Our World in Data*, 27/7/2018, http://link.cpb.com.br/db8d7d.

[2] Philip Jenkins, *Climate, Catastrophe, and Faith: How Changes in Climate Drive Religious Upheaval* (Oxford: Oxford University Press, 2021).

[3] Jürgen Moltmann, *The Spirit of Hope: Theology for a World in Peril* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2019), p. 4.

[4] Robert Joustra e Alissa Wilkinson, *How to Survive the Apocalypse: Zombies, Cylons, Faith, and Politics at the End of the World* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2016), p. 5.

[5] Alister McGrath, *The Christian Life and Hope, Christian Belief for Everyone* (Londres: SPCK, 2015), viii.

[6] A respeito da "cultura da vida" como uma alternativa à "cultura da morte" em nossa sociedade, ver Moltmann, *Spirit of Hope*, p. 3-14.

[7] Para uma discussão abrangente sobre este problema, ver Charles Taylor, *A Secular Age* (Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007).

[8] Sobre o motivo do conflito cósmico, ver Sigve K. Tonstad, *Saving God's Reputation: The Theological Function of Pistis Iesou in the Cosmic Narratives of Revelation*, Library of New Testament Studies 337 (Londres: T&T Clark International, 2006); Laszlo Gallusz, *The Throne Motif in the Book of Revelation*, Library of New Testament Studies 497 (Londres: Bloomsbury T&T Clark, 2014); Steven Grabiner, *Revelation's Hymns: Commentary on the Cosmic Conflict*, Library of New Testament Studies 511 (Londres: Bloomsbury T&T Clark, 2015).

[9] Reconhece o mal e o sofrimento provocados pelas escolhas e lealdades das pessoas no mundo em detrimento das experiências consideradas "males naturais" (desastres naturais, doenças ou catástrofes). Para um tratamento detalhado de Apocalipse como teodiceia, ver Gregory Stevenson, *A Slaughtered Lamb: Revelation and the Apocalyptic Response to Evil and Suffering* (Mumbai, India: St. Pauls, 2013).

[10] Timothy Keller, *Hope in Times of Fear* (Nova York, NY: Viking, 2021), p. x.

LASZLO GALLUSZ
professor de Novo Testamento no Newbold College, Inglaterra

Gentileza do autor

ATENÇÃO ESPECIAL

O cuidado com os desprezados e oprimidos

Silvia C. Scholtus

Quando ajudamos as pessoas em seus momentos de dor e angústia, praticamos a verdadeira compaixão. São nessas ocasiões marcadas pelo sofrimento físico, emocional e mental que elas mais precisam de nossa atenção. Jesus é o melhor exemplo nesse sentido. Ele foi ao encontro dos necessitados quando estavam em suas crises mais profundas. Neste artigo, abordarei a maneira pela qual Jesus tratou uma mulher desprezada e sofredora.

Atendimento personalizado

Os evangelhos registram que Jesus Se relacionou de forma personalizada com muitas pessoas, atendendo-as em todos os sentidos: física, social e espiritualmente (Mt 4:23). Ele viveu para curar e salvar os oprimidos. Ellen White destacou que "havia vilas inteiras onde não se ouvia um gemido de dor em nenhuma de suas casas, pois Ele havia passado por elas e curado todos os seus enfermos."[1]

Ele também era Mestre por excelência, que chamava e incentivava Seus seguidores de maneira particular. Cada pessoa recebia um tratamento diferente. A André e João, Ele disse: "Venham ver" (Jo 1:39); a Pedro, mostrou-lhe que já o conhecia: "Você é Simão, filho de João, mas agora será chamado Cefas" (Jo 1:42); a Filipe, convidou-o dizendo: "Siga-me" (Jo 1:43); a Natanael, assegurou-lhe que conhecia suas inquietações: "Eu já tinha visto você debaixo da figueira" (Jo 1:48); e a Nicodemos, ajudou-o a entender o plano da redenção (Jo 3:1-15).

Jesus tratou cada pessoa em seu nível de maturidade espiritual. Além disso, Ele não curou todos da mesma forma. Por exemplo: Jesus foi ao encontro do paralítico de Betesda que estava enfermo havia 38 anos e o curou em um dia de sábado, mesmo sabendo que sofreria perseguição por parte dos judeus (Jo 5); Cristo restaurou social e espiritualmente a mulher acusada de adultério (Jo 8:1-11); ao curar um cego de nascença, Ele aplicou lama em seus olhos e ordenou que se lavasse no tanque de Siloé (Jo 9), diferentemente do que fez com o cego Bartimeu (Mc 10:46-52). A uns, Ele curou de longe, como o servo do centurião (Lc 7:1-10); a outros, curou de perto, como a sogra de Pedro (Mc 1:29-31).

A mulher que andava curvada foi chamada por Jesus de "filha de Abraão" (Lc 13:16). A mulher com um fluxo de sangue ouviu as doces palavras do Salvador: "Filha, a sua fé salvou você. Vá em paz e fique livre desse mal" (Mc 5:34). Outra mulher – desta vez estrangeira –, além de ter sua filha curada, ouviu este elogio por parte de Jesus: "Mulher, que grande fé você tem! Que seja feito como você quer" (Mt 15:28).

Observe que, embora Deus tenha feito os seres humanos semelhantes uns aos outros, não os fez iguais. Cada pessoa ganhou do Criador características peculiares e Dele recebe um tratamento personalizado. Em Seu ministério, Cristo demonstrou que está interessado na salvação de cada indivíduo. Ellen White escreveu: "Cada pessoa é tão perfeitamente conhecida por Jesus como se ela fosse a única por quem o Salvador morreu."[2]

A samaritana

Em João 4:1 lemos a respeito de uma pequena divergência entre Jesus e os fariseus. Para evitar dificuldades precoces em Seu ministério, Ele decidiu retornar para a Galileia. Porém, não deixou de lado Sua missão. A Bíblia diz: "E era-Lhe necessário passar pela região da Samaria" (Jo 4:4). Jesus sabia que, no meio do percurso, uma mulher precisava de Sua ajuda.

Em pleno calor do meio-dia, cansado da viagem, Cristo sentou-Se junto ao poço de Jacó, em Sicar. Enquanto isso, Seus discípulos foram à cidade para comprar alimentos. Embora não fosse costume alguém se aproximar do poço naquela hora do dia, o relato informa: "Veio uma mulher samaritana tirar água" (v. 7). Assim, a samaritana se encontrou pela primeira vez com Jesus, em plena luz do dia. Viu-O cansado e sedento.

Numa situação como essa, o silêncio era a regra. Mas Jesus rompeu o protocolo e a quietude com a frase: "Dê-me um pouco de água" (v. 7). Ele considerou ser essa uma excelente oportunidade para estabelecer um diálogo. Além do mais, a samaritana era a única pessoa naquele momento que poderia tirar água do poço para saciar Sua sede.

O pedido de Jesus surpreendeu a mulher. Afinal, era proibido que um judeu pedisse água a um samaritano ou lhe devesse um favor – ainda mais se fosse uma mulher. Assim, a resposta da samaritana revelou sua estranheza: "Como, sendo o senhor um judeu, pede água a mim, que sou mulher samaritana?" (v. 9). É como se ela quisesse lembrar Jesus: "Você não percebe que judeus e samaritanos não se relacionam, e que homens e mulheres não falam uns com os outros em público?"

A samaritana tinha razão. Um rabi judeu nunca teria iniciado uma conversa em um lugar público com uma mulher e muito menos teria bebido água no copo de um samaritano. Isso não era social nem politicamente correto. Mas Jesus sabia que a samaritana tinha passado por vários relacionamentos turbulentos e precisava de Sua ajuda. Ele sabia que havia uma ferida aberta no coração dela que nada nem ninguém conseguia curar.

Antes mesmo de a samaritana aparecer, Cristo conhecia a razão pela qual ela havia ido ao poço em plena luz do dia. A dor das relações rompidas a transformou em uma marginalizada, inclusive entre as mulheres. Ela sofria o abuso daqueles que deviam ajudá-la em suas dores e angústias. A samaritana era bem conhecida em sua aldeia, mas não era respeitada ou amada como gostaria.

A conversa de Jesus revela que Ele deu valor àquela mulher – algo que ela nunca

havia recebido dos homens com quem tinha convivido. Na lei judaica, um homem podia se divorciar de sua esposa se ela o desagradasse (Dt 24:1). Os judeus sustentavam que uma mulher podia receber uma carta de divórcio duas ou até três vezes. Só o marido podia conceder uma certidão de divórcio. A esposa não tinha recursos próprios.

Se a lei dos samaritanos era igual a essa, então a mulher samaritana não só sentiu a rejeição de um relacionamento após o outro, mas foi marginalizada socialmente. É provável que alguma dessas relações rompidas a tivesse marcado profundamente, mas, em sua solidão, buscava preencher novamente o vazio do coração por meio de relacionamentos. Talvez a razão de não estar casada com o homem com quem vivia naquele momento era porque tinha ultrapassado seu limite de divórcios legais. Não sabemos. Só sabemos que ela sentia desprezo. Jesus, então, encontrou aquela mulher em seu momento de dor e expressou grande compaixão.

Cristo também valorizou o intelecto da samaritana. Ele levou as perguntas dela a sério. A samaritana propôs tratar uma questão religiosa que separava os samaritanos dos judeus (v. 21-26). Se sua pergunta fosse uma distração na conversa, certamente Jesus teria insistido em continuar com o assunto anterior. Mas, não! O que a samaritana perguntava era relevante. Além disso, provavelmente era o fruto de uma busca para aliviar sua dor. Ela buscava Deus. Cristo não a questionou em sua busca, simplesmente colocou diante dela um caminho melhor para seguir.

Quando a samaritana entendeu o que Jesus havia lhe revelado, percebeu algo muito importante. Observe a progressão de sua compreensão: primeiro tratou Jesus como um judeu; depois como Alguém maior que "nosso pai Jacó"; então O considerou um profeta e, finalmente, o Messias. Ela disse: "Eu sei que virá o Messias, chamado Cristo. Quando Ele vier, nos anunciará todas as coisas" (v. 25).

Jesus valorizou essa mulher ao revelar-lhe Sua identidade como o Messias. Essa foi a única ocasião antes de Seu julgamento em que Ele declarou especificamente que era o Messias. E o fez a essa mulher – uma pessoa que havia sido desprezada pela sociedade.

Jesus valorizou a samaritana dando-lhe respostas. Não expressou palavras de condenação, mas trouxe-lhe palavras de afirmação. É claro que Jesus não minimizou a verdade, mas a comunicou de tal maneira que mostrou respeito pela mulher como uma portadora da imagem de Deus.

Jesus revelou à mulher o que ela buscava. O Mestre das emoções mostrou o caminho para a restauração quando disse que Deus é Espírito, ou seja, o Único que dá vida. Aqueles que O adoram devem fazê-lo "em espírito e em verdade" (v. 24), ou seja, devem permitir que o Espírito de Deus habite neles para ter vida.

Em seu entusiasmo, a samaritana deixou o cântaro de lado e voltou correndo para a cidade a fim de informar aos seus amigos e vizinhos a descoberta de sua vida: "Venham comigo e vejam um homem que me disse tudo o que eu já fiz. Não seria Ele, por acaso, o Cristo?" (v. 29).

Jesus disse realmente tudo o que ela havia feito? Nos poucos versículos da história, pouco se diz sobre sua biografia. Cristo foi o primeiro a reconhecer essa dor, a identificar sua grande necessidade e a preenchê-la com "água da vida". A motivação da vida da samaritana, de tudo o que tinha feito, era acabar com sua intensa dor e a necessidade de se sentir perdoada, valorizada e amada.

A "mulher desprezada de Samaria" se tornou "a evangelista de Samaria". Quem acreditaria numa história como essa? Muitos em Samaria acreditaram (v. 39).

Atenção espiritual

A samaritana respondeu positivamente à aproximação de Jesus. O Mestre demonstrou em Seu ministério como devemos tratar as pessoas que vivem em dor e opressão social. Ele as aceitou e as valorizou, abrindo a porta para a restauração física, emocional e espiritual.

O encontro de Jesus com a samaritana é um modelo a ser seguido. Nele vemos a importância do contato pessoal no processo de evangelização. Um aspecto essencial nessa abordagem é entender que as pessoas, em maior ou menor grau, enfrentam algum tipo de dor. Não podemos comunicar a teoria do evangelho e, ao mesmo tempo, ignorar o sofrimento das pessoas. Se Jesus tivesse dado apenas uma aula teórica à samaritana, certamente o resultado teria sido bem diferente. Em vez disso, Ele demonstrou sensibilidade combinada com o ensino da verdade.

Portanto, em cada evangelismo pessoal, precisamos valorizar, em primeiro lugar, a pessoa. Mesmo com suas dificuldades sociais e espirituais, cada indivíduo foi criado à imagem de Deus e precisa da Água da vida. Jesus é o Único que pode saciar os anseios mais profundos do coração. Todos aqueles que O aceitam são transformados em uma fonte de graça que leva vida e esperança para muitas "samaritanas" ao redor.

E agora, você pode imaginar o resto da história da mulher samaritana? Você a imagina indo de cidade em cidade para contar seu testemunho? E como ficou seu relacionamento? Certamente, Jesus preencheu cada parte do seu coração e devolveu sentido à sua existência. Seu testemunho alcançou muitas vidas e até hoje comove corações. Essa mesma transformação também pode ser experimentada por você. Basta ter um encontro com Jesus.

Referências

[1] Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 284.

[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 386.

SILVIA C. SCHOLTUS
professora emérita da Universidade Adventista del Plata

08
JULHO

Fotografia: Alexandre Rocha / @AdobeStock

Dia do COLPORTOR

"Eu os chamei para irem e produzirem frutos duradouros."

João 15:16

EDUCAÇÃO CONTÍNUA

O preparo intelectual do pastor

Érico Tadeu Xavier

Um pastor é chamado para realizar diversas funções no ministério, dentre as quais, destaco: instruir as pessoas sobre a vontade de Deus em todas as áreas (física, mental, financeira e espiritual); capacitar a igreja para cumprir a missão de pregar o evangelho; motivar os membros a manter a fé em Cristo e em Sua Palavra; preservar a unidade do corpo de Cristo para o crescimento do reino de Deus e administrar corretamente os recursos da igreja.

Observe que o ministério pastoral não se atém a uma simples atividade, mas representa uma vocação que, ao lado do desejo de servir, requer o desenvolvimento de muitas habilidades. Para exercer o ministério com excelência, o pastor precisa planejar, administrar, mentorear, delegar e, é claro, crescer intelectualmente. Quanto a este último aspecto, nada justifica a falta de preparo, tendo em vista os muitos exemplos bíblicos que enfatizam essa necessidade.

ADOBE STOCK

Exemplos no Antigo Testamento

Diversas personalidades no Antigo Testamento apontam para a necessidade do preparo intelectual do pastor:

José no Egito. Na infância, José decidiu obedecer a Deus e ser diligente em tudo o que fazia. Isso ficou evidente em sua conduta posterior. Ao se tornar escravo no Egito, o jovem aproveitou todas as oportunidades para crescer intelectualmente. Ainda na casa de Potifar, ele adquiriu "não apenas conhecimento das ciências, idiomas e negócios, mas também uma educação necessária para ser o futuro primeiro-ministro do Egito",[1] e isso não foi um milagre, mas resultado de sua operosidade e força de vontade, aliadas à bênção divina. Por isso, José se destacou em tudo, sendo reconhecido por Faraó, mais tarde, como o mais ajuizado e sábio do Egito (Gn 41:39), apto para assumir o cargo de governador de todo o reino.

Salomão em Israel. Considerado o governante mais sábio que já existiu, Salomão pediu sabedoria a Deus e não parou de buscá-la durante toda a sua vida. Ao receber essa dádiva divina, poderia julgar não ser mais necessário adquirir conhecimento nas áreas de política, economia, arte, administração, entre outras, mas ele continuou pedindo a Deus um coração cheio de sabedoria e conhecimento (1Rs 3:9; 2Cr 1:10). Assim, Salomão se dispôs a governar o povo de maneira mais justa e inteligente.

A escola dos profetas. Esse era um local em que um grupo de discípulos vivia, trabalhava e se reunia, recebendo instruções dos profetas e aprofundando seus conhecimentos na Palavra de Deus. Entre os profetas que mantinham discípulos estavam Samuel, Elias e Eliseu, os quais preparavam jovens para servir ao Senhor. Eles aprendiam como orar, recebiam orientação política e social, exerciam algum tipo de trabalho manual e estudavam as Escrituras. Esse sistema de ensino visava ao aprimoramento integral dos alunos: suas habilidades físicas, mentais, sociais e espirituais. Assim, a escola dos profetas discipulava homens capacitados para lidar com todas as necessidades da nação.

Quanto à utilidade dessas escolas, Ellen White escreveu: "As escolas dos profetas foram fundadas por Samuel para servir como barreira contra a corrupção generalizada; para prover o bem-estar moral e espiritual dos jovens e promover a futura prosperidade da nação, fornecendo-lhe cidadãos habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros."[2]

Daniel e seus amigos na Babilônia. Os jovens hebreus se destacaram na Babilônia por sua inteligência e obediência ao Senhor. Além de pertencerem à linhagem real e à nobreza de Israel, eles eram "jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, sábios, instruídos, versados no conhecimento" (Dn 1:4). A estratégia do rei Nabucodonosor era ficar cercado de jovens inteligentes para que pudessem servi-lo em seu governo. Assim, eles ganharam na escola real conhecimento em ciências, cultura e economia, além de aprenderem a língua dos caldeus. Ao serem examinados pessoalmente pelo rei, "Daniel e seus três amigos foram aprovados de modo espetacular nos exames, obtendo graus muitíssimos superiores aos dos demais alunos. Imediatamente eles 'passaram a assistir diante do rei', recebendo posições de responsabilidade no governo".[3]

Exemplos no Novo Testamento

O Novo Testamento também atesta a necessidade do preparo intelectual, especialmente por parte daqueles que pregam o evangelho.

Jesus e o preparo dos apóstolos. Na época de Cristo, a educação era muito valorizada. Segundo Ellen White, as "escolas eram anexas às sinagogas ou casas de culto e os professores eram chamados de rabis, homens tidos como cultos e preparados para o ensino".[4] Jesus foi o maior de todos os mestres, não somente de Sua época, mas de todos os tempos. Ele ensinava "como quem tem autoridade, e não como os escribas" (Mt 7:29). Sua estratégia de ensino, embora informal, apresentava o conteúdo das Escrituras com poder incomparável. Ele contava histórias e as aplicava ao cotidiano das pessoas. Assim, conseguia a atenção de todos.

Ao reunir os doze apóstolos, Jesus os capacitou para cumprir a missão por cerca de três anos e meio. Essa capacitação foi permeada de alusões aos ensinos dos profetas, tendo como finalidade fortalecer a fé dos Seus aprendizes. A promessa do Espírito Santo enfatizou a continuidade de instrução (Jo 16; At 1). Isso resultou em maior capacidade intelectual e espiritual dos apóstolos, que se tornaram homens de argumentos fortes e legítimos, que conseguiram abalar o mundo com a pregação do evangelho.

Paulo, o missionário capacitado. Ao desenvolver seu ministério, Paulo manifestou tanto fé quanto conhecimento, levando o reino de Deus a muitos lugares e contextos diferentes, inclusive em embates teológicos e filosóficos (At 17:17, 18). Sua capacidade intelectual e raciocínio lógico influenciavam até os mais cultos. Para chegar a esse nível, o apóstolo se preparou antecipadamente (Gl 1:14-18). Apesar de já possuir conhecimentos diversos, tendo sido rabi, versado na Lei, nos Profetas e tendo seu aprendizado aprimorado por Gamaliel, considerado um grande mestre da época (At 22:3), Paulo continuou estudando mesmo após ser chamado para o apostolado. Quando encarcerado em Roma, ele escreveu para seu aprendiz: "Quando você vier, traga a capa que deixei em Trôade, na casa de Carpo. Traga também os livros, especialmente os pergaminhos" (2Tm 4:13).

Na carta a Timóteo, Paulo exortou o jovem a se aplicar à leitura, à exortação, ao ensino e à meditação, sendo diligente no preparo para exercer suas funções (1Tm 4). Timóteo foi chamado a ser líder porque desde cedo recebeu preparo intelectual e espiritual, aprendendo a conhecer bem as Escrituras e aplicando-a às pessoas. Da mesma forma, os pastores atualmente precisam se preparar intelectualmente,

tendo em vista o aprimoramento do seu ministério e o desenvolvimento da igreja.

Em todos esses exemplos mencionados, percebemos que o preparo inicial e o aprendizado contínuo são necessários e respaldados pela Palavra de Deus. O pastor, além de pedir a sabedoria divina, também deve fazer uso dela, o que requer a decisão de buscar o contínuo preparo intelectual e espiritual (Tg 1:5). Para o ministro do evangelho, a acomodação intelectual não é uma opção, do mesmo modo que não pode se acomodar em sua comunhão com Deus.

Ellen White escreveu: "Os mecânicos, advogados, comerciantes, homens de todos os tipos de profissão e negócios se preparam para se tornarem especialistas em seu trabalho. Sendo completamente empenhados no serviço de Cristo, devem Seus seguidores ser menos inteligentes e ignorantes acerca dos métodos e recursos a ser empregados?"[5] Assim como os apóstolos buscaram alcançar maior graça e conhecimento, os pastores precisam ter maior rigor e empenho em adquirir conhecimento, tanto da Palavra de Deus quanto de outros assuntos úteis, a fim de tornarem o evangelho mais acessível ao povo.

Preparo teológico e intelectual

De acordo com Edson Queiroz,[6] para o pastor exercer suas funções ministeriais, ele deve obter preparo espiritual, teológico, psicológico, físico, intelectual, transcultural e linguístico. O pastor que não possui um bom preparo nessas áreas tende a fracassar no campo de trabalho. Muitos afirmam que estão capacitados pelo Espírito Santo e, assim, eximem-se de buscar um preparo acadêmico, teológico e intelectual que lhes facilitem cumprir a missão que Cristo lhes designou. Creio que esse não seja o caminho.

Para obter o preparo adequado, o pastor deve ter extrema confiança na Palavra de Deus, posto que é nela que ele buscará sua fonte de conhecimento. Nesse sentido, John Stott afirmou que "quanto mais alto for nosso conceito da Bíblia, tanto mais cuidadoso e consciencioso deve ser nosso estudo dela".[7]

Mark Finley acrescentou que "a oração é a respiração do reavivamento, mas o estudo da Bíblia é seu coração. Ao longo da história, todo grande reavivamento foi enraizado na Palavra de Deus".[8] Portanto, ao orar e meditar nas Escrituras, o pastor recebe a graça para se tornar apto a compreender a vontade de Deus e, assim, transmitir esse conhecimento à igreja.

Ellen White aconselhou: "Fervoroso e constante esforço para adquirir habilitações é coisa necessária; mas a menos que Deus coopere com a humanidade, nada de bom se pode realizar. A graça divina, eis o grande elemento do poder salvador; sem ela, todo esforço humano é inútil."[9]

O preparo acadêmico também facilita a produção literária (artigos e livros), a realização de palestras e a participação em concílios ministeriais. Para isso, o pastor deve manter uma biblioteca bem estruturada, com obras variadas, relevantes e atuais. Uma biblioteca física, bem como uma digital, deve ser utilizada constantemente. A leitura de materiais cujo teor contribui para o intelecto e amplia a visão de mundo possibilita ao pastor compreender melhor as situações e as pessoas a quem deve pregar. O hábito de ler revistas de cunho teológico, comentários bíblicos, concordâncias temáticas e usar softwares especializados também é recomendado para o crescimento intelectual.

Idealmente, "cada ministro deveria separar renda para aquisição de bons livros que ampliem conhecimento e experiência. Tais livros devem ser estudados".[10] O próprio apóstolo Paulo mantinha uma biblioteca que lhe era de muito valor (2Tm 4:13).

Conclusão

Manter uma vida ministerial de constante crescimento espiritual e intelectual representa uma necessidade e um desafio ao pastorado. Embora o Espírito Santo capacite o escolhido para a realização da obra de Deus, a busca pelo conhecimento deve continuar ao longo da vida do pastor. Isso não se limita a um conhecimento superficial, mas envolve a excelência tanto no campo teológico quanto em outras áreas.

O tempo em que vivemos exige pastores bem qualificados e diferenciados, para responderem às demandas da sociedade com relação aos diversos aspectos da vida, especialmente da fé cristã na qual estão firmados. Paulo afirmou que um pastor deve ser reconhecido como "obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2Tm 2:15). Recomenda-se que o pastor gaste de duas a quatro horas diárias em pesquisas, estudos, leituras e escrita de artigos ou livros que possam inspirar o crescimento da igreja.

O empenho diário em buscar o conhecimento da Palavra de Deus e de outras fontes que confirmem a fé cristã faz com que haja crescimento espiritual e mental, facilitando o trabalho do pastor em relação ao cuidado de suas ovelhas, da igreja e da comunidade em que vive.

Referências

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 176.

[2] White, *Patriarcas e Profetas*, p. 525.

[3] C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 20.

[4] Ellen G. White, *Vida de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 30.

[5] Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 184.

[6] Edson Queiroz. *A Igreja Local e Missões* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1998).

[7] John Stott, *Eu Creio na Pregação* (São Paulo, SP: Vida, 2003), p. 193.

[8] Mark A. Finley, *O Reavivamento Prometido: Como receber a plenitude do Espírito Santo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 60.

[9] Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 70.

[10] Milton L. Torres e Tânia L. Torres (orgs.), *Ética Pastoral* (São Paulo, SP: All Print, 2008), p. 223.

ERICO TADEU XAVIER
pastor aposentado,
vive em Floresta, PR.

Gentileza do autor

Natal Gardino

NA TERRA E NO CÉU

O significado de ligar e desligar em Mateus 16 e 18

Jesus ensinou que devemos nos alegrar pelo fato de termos nosso nome "registrado no Céu" (Lc 10:20). Afinal, somente os que estiverem inscritos no Livro da Vida poderão entrar na cidade santa (Ap 13:8; 21:27). De modo surpreendente, entretanto, Jesus correlacionou os nomes inscritos no Céu com os da igreja ao dizer: "Tudo o que ligarem na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligarem na terra terá sido desligado nos céus" (Mt 18:18; cf. 16:19).

Essa afirmação suscita algumas perguntas: Qual é o significado de "ligar" e "desligar" nesse contexto? Como podemos compreender a relação entre a ação tomada na igreja e a tomada no Céu? Qual é, de fato, a autoridade da igreja nesse assunto tão solene, sendo que os seres humanos são normalmente propensos ao erro? O objetivo deste artigo é responder a essas questões. Para isso, é necessário entender primeiro a importância dos registros de nomes no Céu e também na igreja.

Nomes inscritos no Céu

Muitas pessoas duvidam da existência de registros no Céu relativos aos seres humanos. Afinal, qual seria o objetivo deles, se Deus já sabe de tudo? Além disso, como seria possível registrar pensamentos e até intenções? Precisamos admitir que não sabemos de que *maneira* esses registros são feitos. Contudo, devido às múltiplas citações bíblicas, sabemos que de alguma forma o são. Há várias referências nas Escrituras sobre livros no Céu contendo dados que serão usados no juízo divino (Sl 56:8; 139:16; Dn 7:10; Ml 3:16). Entre eles destaca-se o Livro da Vida (Êx 32:32, 33; Sl 69:28; Dn 12:1; Lc 10:20; Fp 4:3; Ap 3:5; 13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27; 22:19).

Independentemente de *como* esses registros sejam feitos, ou que tipo de *material* seja usado para isso, eles têm somente um propósito: estar à disposição durante o milênio para serem consultados pelo povo redimido, a fim de que ninguém tenha dúvidas sobre o caráter e a justiça de Deus antes da execução do juízo final (Sl 19:9; 1Co 6:1-3; Ap 20:4-6). Com esse objetivo em vista, "ao lado de cada nome, nos livros do Céu, estão escritos, com tremenda exatidão, toda palavra inconveniente, todo ato egoísta, todo dever não cumprido e todo pecado secreto, juntamente com toda hipocrisia dissimulada".[1] Tudo isso estará disponível para consulta ao longo do período de mil anos.

Adobe Stock

Durante esse tempo, os salvos não estarão preocupados com seus registros, pois seus nomes estarão escritos no Livro da Vida. Todos os seus pecados cometidos no passado já estarão perdoados e apagados. Por isso, eles não terão mácula (Ap 14:5). Ao fim do milênio, todos os apontamentos registrados no Céu serão um claro testemunho a todo o Universo de que Deus é justo e amoroso, e que cada ser humano fez sua escolha para a vida ou para a morte (Dt 30:19; Ez 33:11; Jo 3:16).

Nomes inscritos na igreja

À medida que a igreja apostólica crescia, "o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos" (At 2:47). Não há uma passagem explícita nas Escrituras afirmando que a igreja possuía um registro com os nomes de todos os que abraçaram a fé. Contudo, não faria sentido a ordem de Jesus para que um membro em dissonância obstinada e contumaz fosse considerado "gentio" e "publicano" se não houvesse uma relação oficial de membros (Mt 18:17). Para tanto, o termo "igreja" aqui deve implicar uma estrutura organizacional.[2]

O registro que associa o crente à igreja tem a finalidade de identificar "aos de fora" um povo que está unido em uma mensagem e missão. É por isso que lemos o apelo inspirado: "Irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, peço-lhes que todos estejam de acordo naquilo que falam e que não haja divisões entre vocês; pelo contrário, que vocês sejam unidos no mesmo modo de pensar e num mesmo propósito" (1Co 1:10).

O ensino de doutrinas divergentes traz confusão, perverte a fé dos membros e faz com que eles percam a unidade, o foco e a missão (2Tm 2:17, 18). Além disso, o membro que começa a ensinar e a se comportar de modo contrário ao ensino das Escrituras, enquanto ainda está identificado com a igreja, faz com que a mensagem e o caráter dela sejam mal compreendidos pelos de fora. Nesse caso, após todos os passos de Mateus 18 terem sido observados, ele deve ser respeitosamente desvinculado da igreja.

Isso não significa de modo algum que tal pessoa seja expulsa da igreja ou que deva ser desprezada. Ela simplesmente deixa de representar a igreja e, portanto, não terá mais a obrigação de viver como um de seus membros. Entretanto, essa pessoa deverá continuar recebendo todo o amor da igreja e sendo sempre bem-vinda, assim como todas as demais pessoas. A esperança é de que a força da Palavra de Deus, o amor entre os irmãos e a ministração do Espírito Santo a conquiste e a convença a fazer parte novamente da família de Deus.[3]

O significado de "ligar" e "desligar"

As passagens de Mateus 16:18 e 19 e 18:15 a 18 têm uma estreita ligação. Além de terem a mesma linguagem sobre "ligar" e "desligar" na Terra e no Céu, a palavra "igreja" só ocorre nessas duas passagens em todos os quatro evangelhos. O contexto de ambas as passagens, dada a sua semelhança, refere-se à autoridade que Jesus conferiu à igreja em relação a situações de disciplina.[4]

As "chaves do reino dos Céus", mencionadas na primeira ocorrência (16:19), são as palavras de Cristo. Elas "têm poder para abrir e fechar os Céus", pois "declaram as condições sob que os homens são recebidos ou rejeitados".[5] Nessa passagem, Jesus Se dirigiu a Pedro, que representava, naquele momento, "todo o corpo de crentes".[6] Entretanto, "o Salvador não confiou a obra do evangelho a Pedro individualmente. Em outra ocasião, mais tarde, repetindo as palavras dirigidas a Pedro, aplicou-as diretamente à igreja. E o mesmo, em essência, foi dito também aos Doze como representantes do conjunto de todos os crentes".[7]

A segunda vez em que Jesus usou a expressão "ligar e desligar" foi quando deu instruções sobre o procedimento correto para com um membro que insiste no erro (18:15-18). Vale observar que as palavras "contra você" de Mateus 18:15 não constam nos melhores manuscritos antigos. Estudiosos da crítica textual acreditam ser provável que algum copista as tenha inserido no texto original por ter sido influenciado pela expressão "contra mim" do verso 21.[8] Mas também é possível que sejam originais, pois os manuscritos que as contêm, apesar de inferiores, são também antigos. De qualquer modo, devemos conversar afetuosamente com um irmão em erro não apenas se ele pecar "contra nós", mas se estiver em pecado evidente (Ez 3:20, 21). O procedimento de três passos de Mateus 18 é o mesmo em ambos os casos.

Há um outro aspecto importante em relação às duas passagens paralelas de Mateus. Por se tratar de uma construção gramatical rara,[9] é difícil traduzir com exatidão o tempo verbal referente à ação tomada no Céu. Por esse motivo, algumas versões da Bíblia dão ênfase apenas ao aspecto futuro: "O que vocês ligarem/desligarem na Terra *será ligado/desligado* no Céu"; outras também enfatizam o aspecto futuro mas sem desconsiderar o particípio perfeito passivo da construção: "O que vocês ligarem/desligarem na Terra *terá sido ligado/desligado* no Céu". Apesar da primeira tradução ser possível gramaticalmente, "certamente não pode ser correta, como se Deus fosse compelido a aceitar as decisões da igreja".[10]

A segunda tradução, portanto, é mais coerente e harmoniosa com o caráter de Deus e a realidade: a igreja, reunida, deve estar em tanta sintonia com Deus que, quando toma uma decisão, é porque esta já foi tomada no Céu. Tudo o que ela ligar ou desligar na Terra, admitindo novos membros com alegria ou desvinculando-os com tristeza, "já terá sido feito" *antes*, no Céu. Desse modo, conforme mencionou Ellen White, ao estar o povo de Deus em devida submissão a Ele (e não o contrário), "até a autoridade celestial ratifica a disciplina da igreja com relação aos seus membros, uma vez que tenha sido seguida a regra bíblica".[11] E ainda: "Tudo quanto a igreja fizer em conformidade com as instruções dadas na Palavra de Deus será aprovado no Céu".[12]

Convém reconhecer, contudo, que a igreja jamais poderá ter uma relação de

nomes igual à do Céu. Nós não podemos ver as intenções do coração; só as aparências muito evidentes. Por isso, "nem todos os nomes registrados no livro da igreja estão listados no Livro da Vida do Cordeiro. Muitos, embora aparentemente crentes sinceros, não mantêm um relacionamento vivo com Cristo. Têm seus nomes nos registros, mas a obra interior de graça não atuou em seu coração".[13]

Desligar um membro em falta persistente por meio de remoção deve ser o último recurso após falharem todas as alternativas. É uma atitude que só pode ser tomada por toda a igreja, e não por alguns poucos. "Nenhum oficial de igreja deve aconselhar, nenhuma comissão recomendar e igreja alguma votar a eliminação nos livros do nome de alguém que haja cometido falta, sem que as instruções de Cristo a esse respeito sejam fielmente cumpridas."[14]

Propósito redentivo da disciplina

O processo de três etapas ensinado por Jesus em Mateus 18 tem propósito redentivo, "pois em cada estágio o caminho é marcado para reconciliação".[15] Deve haver dedicação para que o problema seja resolvido antes que se torne crônico e público. Desde o primeiro passo, se o irmão em falta "ouvir", está resolvido o problema (v. 15). Após o segundo passo, se ele não os atender, "então, e somente então, o assunto deve ser levado perante todo o corpo de crentes. Que os membros da igreja, como representantes de Cristo, se unam em oração e amoráveis súplicas para que o ofensor seja restaurado".[16]

Por fim, "aquele que rejeita essa tentativa de união rompeu o laço que o ligava a Cristo, separando-se da sociedade da igreja. Daí em diante, como disse Jesus, 'considere-o como um gentio e publicano' (Mt 18:17). Não devemos, porém, olhar para ele como separado da misericórdia de Deus. Não seja ele desprezado ou negligenciado por seus antigos irmãos, mas tratado com ternura e compaixão, como uma das ovelhas perdidas a quem Cristo ainda está tentando trazer para o aprisco".[17]

É necessário enfatizar que as palavras "gentio" e "publicano" foram escolhidas tendo em vista a responsabilidade da igreja em ainda procurar atraí-los para Cristo. "Desde que os gentios e publicanos são alvos do ministério de Jesus em Mateus (cf. 8:5-13; 9:9-13; 11:16-19) e são parte do subsequente ministério dos apóstolos (28:19), isso pode sugerir que a preocupação pastoral da comunidade pelo membro que erra não termina, mesmo após o doloroso passo de excomunhão ter tido lugar."[18]

Até mesmo a terrível expressão "que seja entregue a Satanás" revela, na sequência, um propósito redentivo: "para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor" (1Co 5:5). A "destruição da carne" seria a consequência natural da pessoa se entregar a uma vida de pecado, sujeita a doenças específicas e à degradação acelerada pela transgressão das leis naturais. Essa própria condição pode despertar a pessoa para que, assim como o filho pródigo, perceba sua condição, "caia em si" (Mt 15:17), se arrependa e volte a Deus a tempo para que que tenha "o espírito" salvo.[19]

Conclusão

De alguma forma, existem registros no Céu de cada ser humano nos chamados "livros" de juízo. Há também um registro chamado de "Livro da Vida", que identifica a todos os que receberam Jesus como Salvador e Senhor. Na Terra, apesar de imperfeitos devido às limitações humanas, os registros de membros da igreja devem identificar para o mundo aqueles que aceitaram a "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 1:3) e se tornaram "embaixadores em nome de Cristo" (2Co 5:20).

O sangue de Jesus os torna efetivos membros da família de Deus "no céu e na terra" (Ef 3:15, cf. 2:19), enquanto a submissão à Palavra os caracteriza e os "liga" em unidade de fé. Consciente disso, enquanto prossegue em sua missão de pregar o evangelho, a igreja deve sofrer pelos filhos que, porventura, preferem amar o "presente século" (2Tm 4:10). Por isso, ela sempre intercederá por eles e os aguardará de volta, trabalhando e orando incessantemente por isso até o último dia.

Referências

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 480.

[2] Grant Osborne, *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), p. 687.

[3] Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 7, p. 212.

[4] Osborne, *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew*, p. 687.

[5] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 328.

[6] White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 329.

[7] White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 329.

[8] Roger L. Omanson, *Variantes Textuais do Novo Testamento* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010), p. 29.

[9] Trata-se de um "perfeito perifrástico futuro". Ver discussões em D. A. Carson, *The Expositor's Bible Commentary: Matthew* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010), v. 8, p. 370-372; Julius R. Mantey, "Evidence that the perfect tense in John 20:23 and Matthew 16:19 is mistranslated", *Journal of Evangelical Society 16*, 1973, p. 3; Henry Joel Cadbury, "The meaning of John 20:23, Matthew 16:19, and Matthew 18:18," *Journal of Biblical Literature 58* (3), 1939, p. 251-254.

[10] Osborne, *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew*, p. 629.

[11] Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 3, p. 354.

[12] White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 212.

[13] Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 5, p. 235.

[14] White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 212.

[15] Osborne, *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew*, p. 683.

[16] White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 353.

[17] White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 354, ver também 1Co 2:5-9.

[18] Osborne, *Exegetical Commentary on the New Testament: Matthew*, p. 687.

[19] Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), v. 6, p. 761.

NATAL GARDINO
professor de Teologia na Faculdade Adventista do Paraná

Gentileza do autor

ABUSO INFANTIL

Não são raras as dúvidas sobre esse tema por parte de pastores e outros líderes. A pergunta: "O abuso sexual infantil é um desafio ministerial?" é repetida por muitos diante de um caso de abuso apresentado, confessado, descoberto ou denunciado. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma resposta mundial para essa pergunta:[1]

A Igreja Adventista do Sétimo Dia reforça sua missão, protegendo os que sofrem e atuando para recuperar vítimas e agressores. Ao fundamentar suas ações nos conselhos da Bíblia e ao proceder em harmonia com as legislações existentes sobre o tema, a igreja cumpre suas responsabilidades em relação ao abuso e assédio sexual, enfatizando sempre a proteção e a restauração das vítimas.

O documento também declara: *A Igreja Adventista do Sétimo Dia, por razões bíblicas, teológicas, éticas e legais, não tolera quaisquer atos considerados de natureza pecaminosa e criminosa.* Ou seja, é um desafio ministerial assumido pública e expressamente. A igreja especifica as pessoas e as instâncias responsáveis às quais devem ser recorridas: a) pastores distritais; b) administração do local em que houve a prática do abuso e c) departamento jurídico.

1 Como agir?

A seguir, você verá a atuação de cada responsável e as "ações de correção" estabelecidas pela igreja em casos de abuso sexual infantil:

– Relatar qualquer fato suspeito ao *advogado geral da instituição envolvida*, tão logo se tenha a informação da denúncia ou confirmação do abuso.

– Comunicar o caso de abuso e assédio às autoridades competentes (Polícia, Ministério Público ou Órgãos do Poder Judiciário) *por meio da administração e do departamento jurídico da instituição.*

– Apurar denúncias anônimas ou identificadas, sob a supervisão da *administração da organização envolvida e de seu advogado geral.*

– Levar qualquer caso de abuso ou assédio sexual nos templos ao conhecimento do *pastor distrital.* Ele deverá reportar o assunto aos *líderes de sua sede administrativa.*

Esse não é um desafio qualquer. A gravidade é evidenciada em números. Em toda a América do Sul a violência contra crianças é um problema social grave. No Brasil, os índices de violência têm crescido nos últimos anos. Segundo o Boletim Epidemiológico mais recente da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), o número de notificações de violência contra crianças de 0 a 9 anos, entre 2011 e 2018, mais do que triplicou, passando de 13.249 para 45.967.

2 Definição de termos

Após apresentar esse tremendo desafio para a igreja, estabelecer os responsáveis, definir as ações e destacar a amplitude desse problema, resta, então, uma pergunta: O que é abuso sexual?

É todo ato sexual, relação heterossexual ou homossexual cujo agressor(a) está em estágio de desenvolvimento psicossexual mais adiantado que a criança ou o

Imagem: KINGWIN / Adobe Stock

adolescente, tendo a intenção de estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Essas práticas eróticas e sexuais são impostas à criança ou ao adolescente pela violência física, por ameaças ou pela indução de sua vontade.

Mas uma coisa precisa ficar clara para todos os responsáveis que lidam com esse desafio: o abuso sexual pode ser com ou sem contato físico. Fato que afasta uma frase que minimiza, frequentemente, o abuso sexual: "nem sequer houve penetração".

São exemplos de abusos sexuais sem contato físico:

a) Assédio sexual que se caracteriza por propostas de relações sexuais. Baseia-se, na maioria das vezes, na posição de poder do agente sobre a vítima, que é chantageada e ameaçada pelo autor(a) da agressão;

b) abuso sexual verbal é aquele definido por conversas abertas sobre atividades sexuais destinadas a despertar o interesse da criança ou do adolescente, ou a chocá-los. Os telefonemas obscenos também são uma modalidade de abuso sexual verbal;

c) exibicionismo que é o ato de mostrar os órgãos genitais ou de se masturbar diante da criança ou do adolescente, ou no campo de visão deles;

d) voyeurismo que é o ato de observar fixamente órgãos sexuais de outras pessoas, quando estas não desejam ser vistas, buscando obter satisfação com essa prática.

Ainda mais graves e, em razão disso, mais divulgados, restam os abusos sexuais com contato físico, que são atos físicos que incluem carícias nos órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral, penetração vaginal e anal. Na América do Sul, tal prática é punida como crime de estupro que é constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.

3

Apelo aos líderes

Após esclarecer o tema e identificar os responsáveis, é fundamental terminar este pequeno artigo com um apelo para todos os pastores, líderes e membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia quanto ao abuso sexual contra crianças e adolescentes: nunca digam ou pensem que os abusos aqui relatados são naturais! Além disso, é importante destacar que estes abusos sexuais não podem ser analisados e "resolvidos" apenas no âmbito religioso. O aconselhamento e acompanhamento ministerial é de suma importância, como qualquer outro fato decorrente de prática pecaminosa, mas no caso de abuso sexual, ainda mais contra crianças e adolescentes, trata-se de crime e, como tal, precisa ser apurado pelas autoridades competentes.

Referências

[1] https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/orientacoes-sobre-prevencao-correcao-e-restauracao-em-situacoes-de-abuso-e-assedio-sexual/

LUIGI BRAGA
advogado geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul

Gentileza do autor

PASTOR DAS NOVAS GERAÇÕES

Uma proposta bíblica para o Ministério Jovem

Vinícius Cardoso

Adobe Stock

"Pastor, o que faço com os jovens?" Essa pergunta tem se tornado cada vez mais frequente em meu ministério. As novas gerações sempre foram um terreno delicado e, atualmente, o chamado para trabalhar com jovens parece ainda mais desafiador. Como liderar jovens cristãos de maneira eficaz e bíblica? Quais características o pastor deve buscar para ter credibilidade com as novas gerações?

Para responder a essas perguntas, veremos como Paulo, um pastor experiente, discipulou Tito, um jovem pastor, e deu a ele a tarefa de colocar "em ordem as coisas" (Tt 1:5), constituindo líderes nas igrejas. Aqui já temos uma primeira reflexão: Um jovem pode colocar a igreja em ordem? Bem, para Paulo, sim, desde que seja bem orientado. Aliás, a confiança e o carinho de Paulo para com Tito são notórios em toda carta. Paulo o via como um "verdadeiro filho" (1:4). Portanto, para um líder ter sucesso com as novas gerações, confiança e proximidade são condições básicas.

Proximidade e discipulado

A proximidade com as novas gerações sofreu um golpe duro após a Covid-19. Mesmo antes da pandemia, o percentual de jovens que frequentavam a igreja já estava em declínio. Porém, ao retornarem os cultos presenciais, essa queda se mostrou ainda mais acentuada. Rachel Gardner, diretora da *Youthscape*, chegou a afirmar que "estamos vendo um grupo de líderes de igreja que irão presidir a morte ou ressurreição do ministério de jovens".[1] Que declaração provocativa! Sugerir que os jovens podem se tornar uma espécie em extinção na igreja em nossos dias é um pensamento horripilante. Gardner prosseguiu afirmando que, se nada for feito para conter a queda, podemos atingir o marco zero em uma década.

Felizmente, temos orientação profética sobre o assunto para entender que a "igreja jovem" não morrerá. Porém, o ministério com jovens precisa estar atento às mudanças que essa geração tem se deparado. Seria a solução para este momento voltar aos métodos antigos ou teria chegado a hora de uma nova abordagem?

Tradicionalmente pensamos em programas e atividades quando o assunto é Ministério Jovem. É claro que essas coisas devem estar presentes em nosso trabalho, mas não devem ser a base. Paulo começou sua orientação para o jovem líder Tito deixando claro que ele mesmo estava presente, ou seja, era parte da vida de Tito. Isso fez toda a diferença.

O período de isolamento nos mostrou que a presença física ainda é fundamental. Tim Alford, diretor do ministério de jovens da igreja Elim, afirmou: "Quando começamos o *lockdown* em março de 2020, presumi que seria algo bom para o ministério jovem. Esta é a geração Wi-Fi, os jovens aceitariam isso tranquilamente. Mas eu não poderia estar mais errado." Para ele, a explicação para isso não está na qualidade dos programas. Segundo Alford, "os jovens precisam de pais espirituais mais do que programações espirituais. Há um mandamento para darmos mais atenção em sermos pais espirituais, com um intenso compromisso de transmitir o evangelho para a próxima geração, do que formar voluntários que nos ajudem a manter os programas".[2]

Existe uma clara necessidade de convivência entre as gerações. Quase metade dos cristãos (42%) atribuem sua fé ao crescimento em um lar cristão,[3] enquanto a grande maioria da Geração Z afirma que foi a família quem mais influenciou sua maneira de pensar em religião. O que vemos aqui é um evangelho que não apenas sobrevive, mas que se fortalece na convivência intergeracional. Citando as palavras de Paulo: "Com muito afeto, estávamos prontos a lhes oferecer não somente o evangelho de Deus, mas até mesmo a própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós" (1Ts 2:7, 8).

Quando oferecemos nosso tempo, cuidado e atenção às novas gerações, estamos provendo a elas um convívio e uma formação cristã que dificilmente seriam alcançados por meio de programas ou eventos esporádicos. Os dramas vividos por adolescentes e jovens são diários e eles precisam de pais espirituais que estejam presentes justamente nesse cotidiano. A fé precisa se materializar no mundo real deles, não apenas em luzes e som.

Vida exemplar

Poucas características são tão marcantes na adolescência e juventude quanto a busca por coerência entre discurso e prática por parte de seus mentores. Por isso, Paulo aconselhou Tito para que apresentasse o mesmo tipo de vida irrepreensível exigido dos líderes (Tt 1:6-9). Ele deveria ser "um exemplo [*týpos*] de boas obras" para os jovens (2:7, 8). Sendo exemplo, o pastor pode falar, exortar e repreender com toda a autoridade, sem ser desprezado (2:15). Um discurso

de instrução, encorajamento ou reprovação precisa ser transmitido de maneira coerente. Assim, as atitudes darão peso às palavras. Em muitas situações em que não podemos nos expressar verbalmente, certamente as nossas ações falarão por nós.

A vida exemplar dava autoridade a Tito pregar com confiança e intrepidez. Paulo escreveu: "Quero que você fale ousadamente a respeito dessas coisas" (3:8). A pregação ousada, nesse contexto, consiste em fazer afirmações categóricas com confiança. Quando jovens se deparam com um discurso acompanhado de uma postura coerente e um genuíno interesse, a aceitação da mensagem se torna mais fácil.

Um discipulado próximo, exemplar e bíblico pode ser a chave para resgatar a frequência das novas gerações em nossas igrejas.

Teologia biblicamente saudável

Tito deveria ensinar "o que está de acordo com a sã doutrina" (2:1). Existe um ensino correto e, infelizmente, também existem as falsas doutrinas, as negações e as distorções intencionais do que foi revelado. O conselho de Paulo a Tito era que, além de uma vida moral irrepreensível, ele deveria "ser apegado à palavra fiel, que está de acordo com a doutrina [*didaché*], para que possa exortar pelo reto ensino [*didaskalía*] e convencer os que contradizem este ensino" (1:9). Refutar e repreender os que se opõem ao ensino correto é uma das funções do pastor, seguindo o exemplo de Jesus (Ap 3:19). A apologética cristã não é opcional, é um dever.

Em Creta, por exemplo, havia falsos mestres enganando os crentes. Esses influenciadores deviam ser repreendidos severamente (1:13), conforme afirmou duramente o apóstolo Paulo: "É preciso fazer com que se calem" (1:11). Essa ideia pode parecer estranha a uma geração pós-moderna que constantemente ouve sobre uma "verdade relativa". O fato é que, para uma faixa etária com valores em formação, tão necessário quanto o ensino da crença é a proteção contra o engano. Muitas vezes nossos jovens se deparam com ideologias e conceitos aparentemente belos em uma fase da vida em que as consequências de algumas ideias ainda não se apresentaram claramente. Uma possível indiferença pastoral nesse momento seria terrível.

Ellen White já havia advertido: "Em nosso tempo, como na antiguidade, as verdades vitais da Palavra de Deus são substituídas por teorias e especulações humanas. Muitos professos ministros do Evangelho não aceitam toda a Bíblia como a Palavra inspirada."[4] Perceba que tanto ela quanto Paulo afirmaram que parte dos enganos seria defendida justamente por ministros cristãos. Por vezes, não se trata de uma franca negação da Bíblia, mas de uma "incredulidade disfarçada de cristianismo, enquanto abala a fé nas Escrituras como revelação de Deus".[5]

O ministério do ensino é inseparável da apologética. Tito deveria ensinar, exortar e repreender com autoridade (2:15). A maneira de fazer isso também é tratada pelo apóstolo. Para defender a fé, o jovem pastor precisa ensinar com "integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível" (Tt 2:7, 8). Ele precisa ser um mestre na Bíblia, ensinar todas as doutrinas com argumentos válidos, sem falácias, fazendo o melhor que pode. A linguagem deve ser correta e compreensível.

A expressão "reverência" (*semnótēs*) descreve uma postura séria e digna. A "seriedade" não se refere ao humor, como se o pastor jovem não pudesse sorrir. O bom humor tem seu lugar, mas não pode ser irreverente ou indigno. Aliás, esse parece ser um tema muito presente no "chão de fábrica" do ministério com as novas gerações. Não somos chamados a ser animadores de palco. A jovialidade de um pastor não pode ser justificativa para escândalos que envergonhem a igreja diante da opinião pública. No entanto, uma mensagem sem humor ou emoções seria inútil para as gerações atuais, com sua mentalidade construída sobre sensações e sentimentos.

Pregação sólida

É tarefa do pastor exortar os jovens "para que, em todas as coisas, sejam moderados [*sōphronéō*]" (2:6). A palavra *sōphronéō* une a intelectualidade à prática e pode ser compreendida como prudência, sensatez, sobriedade, ter pensamentos e atitudes corretas e coerentes. É uma expressão grega que indica maturidade, reflexão e autonomia de pensamento e ação.

A graça de Deus "nos educa para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos neste mundo de forma sensata, justa e piedosa" (2:12). Pregar sobre a graça jamais deveria soar como uma autorização para pecar em paz. A graça é educativa e transformadora. Se um pecador ouve nossa pregação e sai dali confortável em seu pecado, talvez não estejamos pregando sobre a graça. O objetivo final do plano da redenção é nos salvar *do* pecado, não *no* pecado. Recentemente temos visto uma tendência à hipergraça entre jovens pastores e pastores de jovens. Jesus quer "purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente

Adobe Stock

Seu, dedicado à prática de boas obras" (2:14). A justificação pela graça não pode jamais ser desconectada do "lavar regenerador e renovador do Espírito Santo" (3:5).

Santificação é um tema que deve continuar nos púlpitos, mesmo que os pregadores e os ouvintes sejam jovens. A santificação inclui a orientação e o incentivo para a igreja "se empenhar na prática de boas obras a favor dos necessitados" (3:14; cf. v. 8). Observe que o engajamento social da igreja repousa sobre uma base teológica forte, não sobre ideias humanas. A igreja deve se dedicar a socorrer os vulneráveis como fruto da atuação da graça no coração de seus membros (3:14).

O que não fazer

Entre as orientações sobre como proceder, Paulo ainda separou tempo para lembrar ao jovem Tito que existem coisas das quais deveria manter distância. "Evite discussões tolas [...] controvérsias e debates sobre a lei; porque são inúteis e sem valor. Evite a pessoa que provoca divisões, depois de admoestá-la uma ou duas vezes, pois você sabe que tal pessoa está pervertida, vive pecando e por si mesma está condenada" (3:9-11).

Nem toda batalha deve ser travada. Existem mensagens que simplesmente não irão agregar. Qual seria o critério paulino para decidir quais assuntos deveriam ou não ser abordados? Utilidade e valor. Ao tratarmos com as gerações que têm, via de regra, um período de atenção menor, não podemos nos dar ao luxo de gastar preciosos minutos em pautas distantes da vida real. Ao mesmo tempo, não podemos dar palco para aqueles que simplesmente rejeitam qualquer correção, mas ainda assim querem anunciar teorias e elucubrações. Isso só causará divisões entre os jovens e muitas vezes fechará portas para um ministério eficaz.

O trabalho do pastor de jovens

Boa parte do trabalho de um pastor não é divertido. Seu chamado não é para ser "legal" com os jovens, tentando ser algo que não é apenas para impressioná-los.[6] O Novo Testamento traz duas vezes a seguinte orientação para líderes jovens: "Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem" (1Tm 4:12) e "ninguém despreze você" (Tt 2:15).

A antipatia com o jovem vem de longa data. Precisamos admitir: às vezes a juventude se esforça para confirmar todas as suspeitas que os mais velhos têm dela. Temos visto um fenômeno curioso de jovens imaturos e inexperientes que acham que têm solução para todos os problemas da humanidade. Dão palpite a respeito de tudo, mas não conseguem arrumar o próprio quarto. Nelson Rodrigues, um notório antijovem, disse que o jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um: o da inexperiência. Quando lhe pediram que desse um conselho aos jovens, ele foi bem direto: "Envelheçam!"

No entanto, a Bíblia tem boas expectativas com relação à juventude, e nós também deveríamos ter. Precisamos acreditar que os jovens podem ser "um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza" (1Tm 4:12). Aqui chegamos a um ponto curioso: os jovens que precisam de exemplos e referências podem, e devem, ser também exemplos e referências. Claro que as práticas não serão idênticas e os gostos não serão os mesmos. Mas não os desprezemos. Cristo os valoriza muito!

Vale a pena lembrar que somos, historicamente, uma igreja de jovens. Os pioneiros eram jovens. Ellen White recebeu a primeira visão aos 17 anos. John Loughborough, também aos 17 anos, tornou-se um pregador itinerante, atividade desempenhada por John Andrews e Stephen Haskell a partir de seus 21 e 20 anos, respectivamente. Uriah Smith era editor da *Review and Herald* aos 23 anos.[7] Aliás, a média de idade da equipe da *Review* em 1853 era de 23 anos, e apenas três funcionários tinham mais de 30 anos.[8]

Agora, aqueles que hoje deveriam ser "pioneiros em todo empreendimento que exigisse fadiga e sacrifício"[9] e estarem desferindo "os mais pesados golpes em favor de Deus"[10] não podem ser raquíticos espirituais. Não se fortalecem os músculos da fé sendo apenas uma pessoa "legal". É preciso exercício espiritual, somados à orientação e oportunidade.

Conclusão

Paulo acreditava nos jovens. Não apenas em um ministério *para* jovens, mas *com* eles. Sua carta a Tito deixa isso muito claro. Nossa igreja pode ser amplamente beneficiada com a mesma crença. Um discipulado próximo, exemplar e bíblico pode ser a chave para não apenas resgatar a frequência das novas gerações em nossas igrejas, mas também conduzir nossos filhos espirituais a levar a mensagem do advento a todo mundo em nossa geração.

Referências

[1] Emma Fowle, "The Church is losing an entire generation. Here's what you can do about it", Premier Christianity <itálico>. Disponível em <link.cpb.com.br/1ab815>, acesso em 15/3/2023.

[2] Tim Alford, "8 steps on how to lead through crisis", Limitless <itálico>. Disponível em <link.cpb.com.br/25c785>, acesso em 15/3/2023.

[3] Faith in Our Families. <itálico> <link.cpb.com.br/fda816>, acesso em 15/3/2023.

[4] Ellen G. White, *Exaltai-O* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), p. 116.

[5] Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 47.

[6] Kevin DeYoung e Ted Kluck, *Não Quero um Pastor Bacana* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2011), p. 38.

[7] Lynette Frantzen, "Young adventist pioneers", Adventist Review <itálico>. Disponível em <link.cpb.com.br/20fa54>, acesso em 15/3/2023.

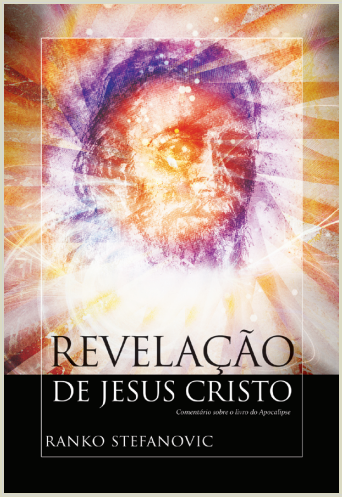
[8] Oliver Jacques, "Driven by a dream", Adventist Review <itálico>. Disponível em <link.cpb.com.br/dff9e9>, acesso em 15/3/2023.

[9] Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 516.

[10] Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 83.

VINÍCIUS CARDOSO
líder de jovens para a região norte de Santa Catarina

Gentileza do autor

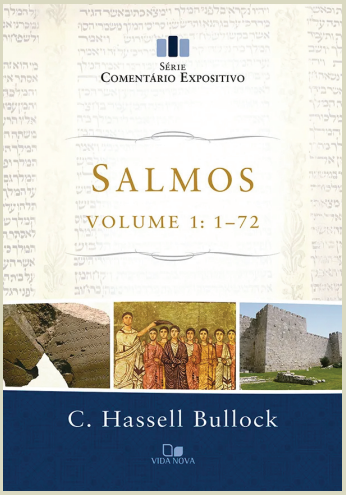


Revelação de Jesus Cristo

Ranko Stefanovic, Casa Publicadora Brasileira, 2023, 608 p.

Este comentário verso por verso oferece uma abordagem cristocêntrica ao Apocalipse, com foco no texto e à luz de suas conexões com o Antigo Testamento. Apropriado para o estudo pessoal e teológico, este rico material é indispensável para quem deseja se aprofundar no conhecimento das "coisas que em breve devem acontecer". Ele foi escrito Ranko Stefanovic, PhD pela Universidade Andrews, um dos mais renomados autores e oradores da atualidade sobre o livro do Apocalipse.

Em *Revelação de Jesus Cristo*, Stefanovic realiza um estudo exegético do último livro do cânon à luz de suas ligações com os demais livros da Bíblia, bem como à luz do contexto cultural da época em que foi escrito. Ele utiliza uma consistente abordagem bíblica e historicista para extrair do texto novos *insights* e ampliar a compreensão das profecias apocalípticas. Embora o comentário seja profundamente teológico, sua linguagem é acessível tanto a teólogos quanto àqueles menos afeitos ao vocabulário técnico.



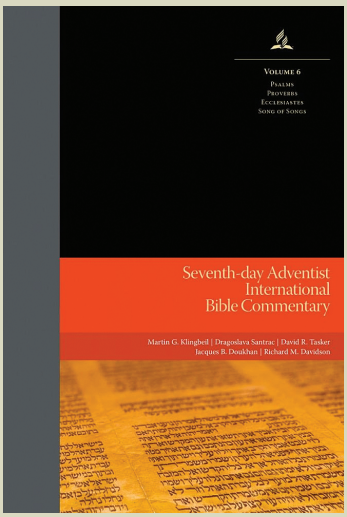
Salmos – volume 1: 1-72

Clarence H. Bullock, Vida Nova, 2023, 608 p.

Ao longo dos séculos, o livro de Salmos tem ocupado um lugar de grande apreço no judaísmo e no cristianismo, bem como na vida de todos os crentes. Os salmos expressam de modo profundo os pensamentos e as emoções da alma, desde as experiências mais sublimes de alegria até os vales mais profundos do lamento.

Esta obra faz parte da Série Comentário Expositivo que oferece a pastores, mestres e estudantes da Palavra de Deus excelentes ferramentas de pesquisa. Em cada volume, o livro bíblico é dividido em perícopes, selecionadas com cuidado e acompanhadas de comentários. Assim, a série permite que o leitor assimile rapidamente as informações mais importantes.

O comentário de Salmos nasceu de uma vida inteira de estudo realizado com amor – como cristão, professor e pastor. Sob essas três perspectivas, o autor conduz o leitor de forma habilidosa ao dar atenção especial ao gênero, à estrutura, à teologia e à aplicação prática dos salmos.



Seventy-day Adventist International Bible Commentary (Volume 6) Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs

Martin G. Klingbeil, **Dragoslava Santrac**, **David Tasker**, **Jacques B. Doukhan** e **Richard M. Davidson** (eds.), Pacific Press, 2022, 1392 p.

Escrito pelos principais estudiosos adventistas ao redor do mundo, o Comentário Biblico Internacional Adventista do Sétimo Dia (SDAIBC) fornece aos membros leigos, pastores e acadêmicos vários comentários bíblicos exclusivos feitos com material teológico sólido e atualizado. Além disso, nele você encontrará as últimas informações gramaticais, histórico-culturais, literárias, teológicas e arqueológicas a respeito do texto sagrado.

O SDAIBC volume 6 apresenta também várias considerações de Ellen G. White a respeito do texto biblico, bem como lições práticas que são adequadas para o crescimento pessoal, testemunho e evangelismo. Essa obra fará com que você louve ao Senhor com os Salmos, viva feliz com os Provérbios, maravilhe-se com Eclesiastes e ame com o Cântico dos Cânticos.

LIDERANÇA À PROVA DE FOGO

A habilidade de um marinheiro é vista durante uma tempestade. Quando os amigos aplaudem e os tempos são bons, é fácil liderar. Mas nos dias escuros, quando muitos desertam ou desanimam, quando os ventos da oposição são fortes, então se revelam o caráter e a capacidade de um líder.

Um dos líderes do povo de Deus que enfrentou tempos de crise foi Neemias. Existem pelo menos quatro lições de liderança que podemos aprender com ele:

1. *Completa dependência de Deus.* O registro bíblico indica que, quando Neemias se inteirou da situação de crise em que se encontrava o povo em Jerusalém, sua reação foi: "Quando ouvi essas palavras, eu me sentei, chorei e lamentei por alguns dias. Fiquei jejuando e orando diante do Deus dos céus" (Ne 1:4). A primeira coisa que Neemias fez diante da crise foi buscar a Deus em oração, e não somente uma vez, mas "dia e noite" (v. 6). Não pode haver liderança de sucesso em tempos difíceis sem uma completa dependência de Deus.

2. *Envolvimento e compromisso pessoal.* Neemias 2:11 a 16 descreve a investigação pessoal que Neemias fez da situação de crise. Não enviou outros, não se conformou com o relatório de terceiros, mas se envolveu pessoalmente em inspecionar e avaliar a situação de crise. Isso lhe deu autoridade para apresentar seu plano de ação diante do povo. Como líderes espirituais, devemos nos envolver pessoalmente nas situações adversas para avaliá-las corretamente e elaborar planos de ação sob a direção de Deus.

3. *Perseverança.* A liderança e os projetos impulsionados por Neemias enfrentaram grande oposição por parte dos inimigos de Israel. Porém, vez após vez, o servo de Deus manifestou perseverança e tenacidade para não desistir da obra indicada pelo Senhor, apesar da feroz oposição (Ne 4:16, 17, 23; 5:16; 6:3). Apesar dos ataques dos inimigos que tentavam desencorajá-lo e causar divisão entre o povo, Neemias não perdeu o foco de sua missão e permaneceu ativo para completar a obra. Os líderes espirituais de hoje devem ter a mesma atitude e não perder o foco, que é a pregação do evangelho.

> Não há oportunidade maior para o povo de Deus cumprir seu propósito do que em tempos de crise.

4. *Fortalecimento espiritual do povo.* A segunda metade do livro de Neemias trata principalmente sobre a obra de fortalecimento espiritual realizada por Neemias em favor de seu povo. Pode-se ver uma ênfase em dois aspectos: a leitura da Palavra de Deus (8:3; 9:7, 9); e a renovação da aliança com Deus (9:38; 10:29, 39). Esses mesmos princípios devem ser seguidos pelos pastores de hoje.

O apóstolo Paulo afirmou que, nos últimos dias, "sobrevirão tempos difíceis" (2Tm 3:1). Creio que esse tempo é agora. Ellen White escreveu: "Nunca houve um tempo em que o ser humano fosse tão responsável perante Deus quanto na hora presente. Nunca houve um tempo em que a condição humana tenha sido tão crítica quanto hoje" (*Princípios Para Líderes Cristãos*, p. 226).

Não há oportunidade maior para o povo de Deus cumprir seu propósito do que em tempos de crise. No entanto, os líderes não devem esperar para se tornarem espirituais apenas quando as crises chegarem. O dia de preparo deve ser hoje. As igrejas que possuem vitalidade espiritual estão mais preparadas para alcançar o maior impacto para o reino de Deus durante o período de crise. Levar adiante a Grande Comissão de fazer discípulos totalmente comprometidos com o Senhor é a melhor preparação que as igrejas e seus líderes podem fazer para enfrentar as crises atuais e, especialmente, as crises vindouras.

WALTER STEGER
editor associado da *Ministério*, edição em espanhol

CANAIS DE ATENDIMENTO

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

WHATSAPP
15 98100-5073

Baixe o aplicativo CPB

cpb.com.br /cpbeditora

AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

BAHIA
CACHOEIRA
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A
Lojas 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ
BELÉM
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

PARANÁ
CURITIBA
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335
Loja 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80
Loja A
(21) 3872-2787

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC
Estr. Mun. Pr. Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pr. Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO
SÃO PAULO
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

SÃO PAULO
SÃO PAULO
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO
SÃO PAULO
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

SÃO PAULO
TATUÍ
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

Seja um distribuidor ☎ 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

MKT CPB | Adobe Stock | Foto: Rogério Souza